

**Emily Azevedo Paula**

**{Des}construção do gênero na pós-  
modernidade: a fluidez do gênero sob o  
olhar da moda**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

Curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda

São Paulo

Junho de 2017

**Emily Azevedo Paula**

**{Des}construção do gênero na pós-  
modernidade: a fluidez do gênero sob o  
olhar da moda**

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Especialização, para obtenção do título de Especialista em Estética e Gestão de Moda, sob a orientação do Prof<sup>a</sup>. Dra. Sheila Ribeiro.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

São Paulo  
Junho de 2017

**Emily Azevedo Paula**

**{Des}construção do gênero na pós-  
modernidade: a fluidez do gênero sob o  
olhar da moda**

Banca Examinadora:

---

---

---

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

São Paulo

Junho de 2017

Agradeço à minha família por todo apoio e incentivo. À minha orientadora, Sheila, pelo estímulo e dedicação a este projeto. Ao público entrevistado, pelo entusiasmo e atenção com que me responderam. Enfim a todas as pessoas que contribuíram significativamente com essa pesquisa e dedicaram seu tempo para sanar minhas dúvidas e curiosidades.

*“Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'.”*

(Stuart Hall)

## RESUMO

Nas práticas sociais e culturais da pós-modernidade, o corpo é hiperlinkado por suas identidades-*tags* e a moda se mostra como uma forte ferramenta de construção e modificação estética dessas identidades. A constante observação do ambiente urbano na metrópole é essencial para detectar mudanças culturais e como elas se refletem diretamente na moda. Como forma de entender a relação de simbiose entre a atual onda de debates global sobre o gênero e a tendência de moda *gender fluid*, esta pesquisa tem caráter investigativo, com principal ponto de partida os descentramentos do sujeito promovidos pela teoria *queer*. O levantamento de imagens e informações coletadas nesta pesquisa foi usado como base para o entendimento do comportamento dos jovens *millennials* e *centennials*, o qual se desdobra em novos olhares sobre uma moda identitária, sem gênero definido e fluido, constituída de um sincretismo de códigos que extrapolam as normas de gênero. Metodologicamente, trata-se de uma etnografia reflexiva, fundamentada em duas iniciativas de construção de uma antropologia visual: a fotoetnografia e a netnografia.

Palavras-chave: pós-modernidade, *gender fluid*, moda

## ABSTRACT

In the social and cultural practices of post modernity, the body is hyperlinked by its tag identities and fashion is shown as a strong tool for the construction and aesthetic modification of these identities. The constant observation of the urban environment in the metropolis is essential to detect cultural changes and how they are reflected directly in fashion. As a way of understanding the symbiosis relationship between the current wave of global debates about gender and the trend of gender fluid fashion, this research has an investigative character with focused on the decentralization of the subject promoted by the queer theory. The survey of images and data collected in this research was used as a basis for the understanding of the behavior of young Millennials and Centennials, whose analysis results in new looks on an identity fashion, with no definite and fluid gender, consisting of a syncretism of codes that goes beyond gender norms. Methodologically, this is a reflective ethnography, based on two initiatives to construct a visual anthropology: photoetnography and netnography.

Key words : post modernity, *gender fluid*, fashion

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Gender fluid: Daniela Esquivel Asturias transita entre ser masculina ou feminina. -----	26
Figura 2. Antes e depois: Bruce Jenner assume a identidade de Caitlyn Jenner em 2015. -----	29
Figura 3. Oficina de desprincesamento chega a São Paulo e questiona padrões de gênero. -----	30
Figura 4. Coleção de Primavera/Verão da <i>maison Dior</i> é marcada por manifesto feminista. -----	30
Figura 5. Emma Watson é embaixadora global da Boa Vontade da ONU Mulheres. O movimento <i>HeForShe</i> é um esforço global para envolver homens e meninos no empoderamento feminino. -----	31
Figura 6. Lady Gaga canta e leva vítimas de abuso sexual ao palco do Oscar 2016. -----	32
Figura 7. Laverne Cox é a primeira transgênero a aparecer na capa da <i>Time</i> , com título que sugere nova fronteira do direito civil americano. -----	32
Figura 8. Avery Jackson é uma menina trans, e aos 7 anos é ativista e foi capa da National Geographic em janeiro de 2017. Ao lado o folder do documentário <i>Gender Revolution</i> . -----	33
Figura 9. Liniker diz que tudo é expressão (moda e música), a moda é uma forma de expressão para mostrar seu trabalho, e que muitos artistas a usam como complemento da música. -----	34
Figura 10. Jaloo quebra padrões e questiona sobre o preconceito através do seu estilo -----	35
Figura 11. Jaloo faz campanha para MAC Brasil da linha MACShadescents.-----	35
Figura 12. @ellenmilgrau: “Você não pode usar o que você quer, você não pode se expressar. Isso tem que acabar”. -----	36
Figura 13. @arethasadick: “Quando eu coloco meu corpo, meu gênero na rua é para que ela se torne um lugar de coragem”. -----	36
Figura 14. @hookerjohnny: “Ser um artista assumidamente gay é uma maneira de fazer com que as pessoas tenham orgulho de ser as suas próprias criações”. -----	36
Figura 15. <i>Rapper</i> , negra e feminista, Karol Conká é destaque no <i>hip-hop</i> Nacional. -----	37
Figura 16. No episódio Beleza Fluida do programa Superbonita, Karol Conka entrevista MC Linn da Quebrada, destaque do funk LGBT e se considera um “terrorista” de gênero. -----	37
Figura 17. Yollanda Maakeo desfila para a marca A La Garçonne na SPFWTRANS n.42. -----	37
Figura 18. O <i>youtuber</i> Guilherme Rocker é humorista e usa a sua androginia para levantar questionamentos ao seu público. -----	37
Figura 19. Assucena Assucena (à esq.) e Raquel Virgínia (à dir.) lideram o grupo musical As Bahias e a Cozinha Mineira e endossam a visibilidade trans. -----	38
Figura 20 e 21. Pablo Vittar publica visuais distintos quando está dentro e fora dos palcos. À esquerda se mostra “desconstruída” com cabelo raspado, sem maquiagem, com <i>piercing</i> no septo e roupa casual; as unhas compridas prevalecem. À direita se mostra super produzida, com maquiagem carregada, lentes coloridas nos olhos, apliques capilares e roupa transparente sugerindo sensualidade. -----	39
Figura 22. Rico Dalasam quebra padrões de gênero no <i>rap</i> . Usa boné, top e unhas pintadas. -----	40
Figura 23. Dalasam se maqueia com sombras de glitter. A barba por fazer não contradiz sua vaidade e tampouco a sua feminilidade. -----	40



Figura 24. Propostas ousadas como cabelos coloridos e roupas transparentes fazem parte da identidade de Dalasam. -----	40
Figura 25. Campanha <i>Dia dos Misturados</i> da C&A apresenta meninas e meninos trocando e misturando suas peças de roupas. -----	41
Figura 26 e 27. Coleção <i>ready-to-wear</i> masculina do AW/15 da Gucci não distingue gêneros. -----	41
Figura 28. Coleção AW15 de Rick Owens explora nudez masculina. -----	42
Figura 29,30 e 31. Coleção SS/16 MM6 Maison Margiela é intitulada <i>Genderfluid club kids</i> . -----	43
Figura 32. Ronaldo Fraga levanta a bandeira contra a transfobia ao apresentar a coleção Inverno/17 com 28 modelos trans na passarela da SPFWTRANSN42. -----	43
Figura 33, 34 e 35. Marca LAB do <i>rapper</i> Emicida estreia na SPFW com coleção <i>genderless</i> .-----	44
Figura 36. Campanha feminina do Verão 16 Louis Vuitton estrelada por Jaden Smith. -----	45
Figura 37. Ruby Rose é referência de moda por transitar entre os gêneros. -----	45
Figura 38. Hari Nef é capa da ELLE UK em setembro de 2016. -----	45
Figura 39. Wesley Benjamin. -----	46
Figura 40. Jake Warden. -----	46
Figura 41. Makeup by Jack. -----	46
Figura 42 e 43. Cecília Palmeiro veste camiseta do coletivo Ni Una Menos no Seminário da História da Sexualidade no MASP em 27 de maio de 2017. -----	47
Figura 44. Matéria da seção de beleza <i>Em defesa dos pêlos do corpo (tradução)</i> na Glamour Magazine britânica de Jun/17. -----	48
Figura 45. Mulheres usam a hashtag #bodyhair no instagram. -----	48
Figura 46. Connie tem mais de 70 mil seguidores, venceu o distúrbio alimentar da anorexia e se posiciona contra os padrões de beleza. -----	48
Figura 47. Globo aborda crise de identidade de gênero na novela <i>Força do Querer</i> . -----	49
Figura 48. Kristen Stewart. -----	50
Figura 49. Miley Cyrus. -----	50
Figura 50. Cara Delevingne. -----	50
Figura 51. Katy Perry. -----	50
F49igura 52. Isabella Santoni.-----	50
Figura 53. Casa Judith é um espaço colaborativo voltado para o público LGBT. -----	51
Figura 54. Programação de eventos relacionados à arte queer no TATE Britain-----	52
Figura 55. Entrevista 1 – Alan -----	57
Figura 56. Alan posa para editorial da sua marca Andrógino. -----	57
Figura 57 e 58 Entrevista 2 – Victor -----	58
Figuras 59,60 e 61. Imagens extraídas de fotos do perfil de Victor no Facebook. -----	58
Figuras 62, 63 e 64. Entrevista 3 – Tamara (Imagens extraídas de fotos do perfil no Instagram)-----	60
Figura 65. Entrevista 4 - Natália -----	61
Figura 66. Entrevista 5 – Augusto -----	63
Figuras 67,68 e 69. Imagens extraídas de fotos do perfil de Augusto no Instagram-----	63
Figura 70. Entrevista 6 – Natália -----	64

Figura 71. Entrevista 7 – Tiago e Gabriel -----	65
Figura 72. Gabriel usa delineador nos olhos, brinco na orelha direita e piercing no nariz -----	66
Figura 73. Entrevista 8 – Gabriel -----	67
Figura 74. Gabriel usa piercing ornamentado no septo -----	67
Figuras 75 e 76. Entrevista 9 – Daniel -----	67
Figura 77. Daniel veste jaqueta <i>bomber</i> da marca Rertilizando, de proposta sem gênero. -----	67
Figuras 78 e 79. Entrevista 10 – Larissa -----	69
Figura 80. Entrevista 11 – Jeff , Victor e Mia (na ordem da foto) -----	70
Figuras 81. Imagem extraída de fotos do perfil de Jeff no Instagram -----	70
Figuras 82. Imagem extraída de fotos do perfil de Victor no Instagram-----	70
Figuras 83 e 84. Imagens extraídas de fotos do perfil de Mia no Instagram-----	70
Figuras 85 e 86. Entrevista 12 – Eric -----	72
Figura 87. Imagem extraída de foto do perfil de Eric no Instagram-----	72
Figuras 88 e 89. Entrevista 13 – Wesley -----	74
Figuras 90 e 91. Imagens extraídas de fotos do perfil de Wesley no Instagram-----	74
Figuras 92, 93 e 94. Entrevista 14 – Alex Sandro -----	76
Figura 95. Entrevista 15 – Bernardo-----	77
Figura 96. Bernardo mostra suas unhas compridas -----	77
Figuras 97 e 98. Entrevista 16 – Jean (Ludmilla Carter) -----	78
Figuras 99 e 101. Imagens extraídas de fotos do perfil de Ludmilla Carter no Facebook.-----	78
Figuras 101 e 102. Entrevista 17 – Giovanna -----	80
Figuras 103, 104 e 105. Entrevista 18 – Gabriella -----	82
Figuras 106, 107 e 108. Entrevista 19 – Bárbara e Ana -----	83
Figuras 109,110 e 110 – Imagens extraídas de fotos do perfil de Ana no Facebook-----	83
Figuras 112, 113. Entrevista 20 – Natália e Mariana (na ordem da foto)-----	85
Figura 114. Entrevista 21 – Samuel e Emanuel Victor (na ordem da foto)-----	87
Figuras 115, 116 e 118 – Cabelo, barba, bigode e unhas pintadas -----	87
Figura 117 – Imagem extraídas de fotos do perfil de Samuel no Instagram -----	87
Figuras 119,120. Entrevista 22 – Ruan -----	89
Figura 121 – Inspiração K-pop extraída de fotos do perfil de Ruan no Instagram -----	89
Figura 122. Entrevista 23 – Thiagx -----	91
Figura 123, 124 e 125 – Imagens extraídas de fotos do perfil de Thiagx no Instagram -----	91

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	12
2. DESCENTRAMENTOS, RUPTURAS, CRISES E CONFLITOS DA IDENTIDADE -----	14
2.1. O LEGADO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO -----	14
2.1.1. CRISE DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO -----	15
2.1.2. IDENTIDADES-TAGS -----	17
2.1.3. RUPTURA DA HETERONORMATIVIDADE -----	18
2.2. ABORDAGENS DO GÊNERO -----	19
2.2.1. TEORIA QUEER E DA PERFORMATIVIDADE -----	19
2.2.2. PANORAMA ATUAL DO MOVIMENTO DAS LUTAS DE GÊNERO -----	21
2.2.3. FEMINISMO COMO PROPULSOR DA FRAGMENTAÇÃO DO GÊNERO -----	22
2.2.4. CONFLITOS ACERCA DO GÊNERO NOS MOVIMENTOS -----	23
3. TRANSVERSALIDADE DO GÊNERO NA CULTURA E MÍDIA -----	25
3.1. <i>GENDER SPECTRUM</i> – O GÊNERO <i>MILLENNIAL</i> -----	25
3.1.1. TRANSFEMINILIDADE NA CRISTA DA ONDA -----	27
3.1.2. A VITRINE DA RUA: MODA COMO ENTIDADE FLUIDA -----	53
4. PESQUISA EMPÍRICA -----	55
4.1. PESQUISA FOTOETNOGRÁFICA: A MODA <i>GENDER FLUID</i> -----	55
4.2. CADERNO DE CAMPO – REGISTROS FOTOGRÁFICOS E ENTREVISTAS: RUAS E NA <i>WEB</i> -----	57
5. REFLEXÕES PROCESSUAIS -----	93
5.1. A FRAGMENTAÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DAS ROUPAS -----	93
5.2. O ESTRANHO NA MODA: SUBVERSÃO DA OPRESSÃO ATRAVÉS DAS ROUPAS -----	93
5.3. CRISE DA MASCULINIDADE -----	97
5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	100
5.4.1. A MODA MULTIVIDUAL -----	100
5.4.2. EMPODERAMENTO DA CIDADANIA COMO PROPULSOR -----	100
5.4.3. INSTABILIDADES, ANGÚSTIAS E INCERTEZAS -----	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	105

## 1. INTRODUÇÃO

*"[...]a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza"*

(Kober Mercer)

Com as transformações que presenciamos desde o início do século XXI até meados de sua segunda década, perdemos as referências de uma sociedade “estável” em todos os sentidos, trazendo um clima de desconforto quase que contínuo para a sociedade. A acentuação da rapidez das mudanças em curto espaço de tempo, sobretudo impulsionadas pelo efetivo desempenho da era pós-moderna, desperta a necessidade de se quebrar paradigmas latentes sobre as fronteiras entre o corpo biológico e o corpo social. Quebra-se o pensamento lógico binário e, como consequência, o pensamento heteronormativo, ruptura essa que servirá como fio condutor para o entendimento das relações de moda e de gênero sob o *zeitgeist* contemporâneo: fluido, confuso e imprevisível. O presente trabalho pode ser considerado como um convite a se pensar o gênero sob o viés da pós-modernidade, de forma mais complexa e relacional, como uma entidade fluida que se intersecta com as relações sociais, levando em conta o contexto histórico e cultural específico, articulando-se com a antropologia, economia, política e sexualidade, e que reflete nos desdobramentos de tendências de consumo e, logo, de moda.

Neste trabalho, pretende-se pensar o corpo como um recipiente apto a ser preenchido por uma identidade fluida ou, em outra leitura, a passagem do indivíduo a um multívíduo, um sujeito divisível e plural, podendo assumir uma multiplicidade de identidades. A ideia de gênero acompanharia esse fluxo, sendo ele instituído através da estilização do corpo durante o exercício da performatividade do gênero. Sobre esse exercício, nota-se a importância de analisar a moda como um fenômeno e como uma ferramenta para performar o gênero.

Como objeto social, o vestuário torna-se comunicador dos atributos de uma identidade em construção, compondo sua apresentação visual e revelando através da

imagem traços sobre estilo, gostos, valores, o papel do sujeito na sociedade, os grupos aos quais pertence, sua personalidade e muitos outros aspectos que compõem a identidade na escala individual e que estão vulneráveis ao julgamento do outro. Como suporte da identidade, as roupas e os adornos se tornam ferramentas de modificação estética e, por meio de interferências, proporcionam a alteração de sua estrutura biológica e social, podendo atribuir ao corpo novos significados imagéticos. Destaca-se ainda a importância do uso das roupas e adornos como suporte da linguagem, como elemento de transgressão comportamental dentro de um contexto sociocultural torna-se midiático. Isso provoca reflexos no consumo de imagens, ou seja, no comportamento dos diversos grupos sociais cujos corpos e seus estilos de vida são ressignificados por tais modificações estéticas .

Este trabalho tem caráter investigativo e expositivo sobre as possíveis conexões entre a efervescência do tema do gênero na atualidade e o surgimento de uma tendência de comportamento e de moda *gender fluid*, detectada nas ruas do centro expandido de São Paulo entre os jovens *millennials* (geração Y) e *centennials* (geração Z). O objeto da pesquisa é a mais recente onda de debates sobre gênero, relacionados à luta feminista e LGBT, englobando fenômenos de cunho social, cultural e comunicacional, cujos desdobramentos e impactos são intrínsecos ao fenômeno da moda. Destaca-se que os fundamentos desses debates e lutas são interseccionais no que concerne à quebra de estereótipos pré-estabelecidos na sociedade, sobretudo sobre a dicotomia sexo x gênero. A grande visibilidade da questão nas mídias em geral teve como consequência sua percepção pelo mercado como a possível ascensão de um nicho de interesse econômico, visto que especialmente a geração Z é vista como a mais favorável à igualdade de gênero e a menos apegada ao binarismo que já existiu.

Os fatos analisados nesta pesquisa são considerados propulsores para o desenvolvimento de uma tendência comportamental, pois jovens estão se afastando de uma concepção binária de gênero, mudança muito importante em relação às gerações anteriores. Esse afastamento se reflete no estilo com que se vestem, na forma como se apresentam perante a sociedade, resultando em novas formas de feminilidade, concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais, que vão guiar o “olhar” da moda em direção a uma prática mais libertária e subjetiva. São muitos os desafios teóricos a serem propostos e analisados, por isso deve-se

entender a complexidade das relações de gênero na contemporaneidade como um convite para novas descobertas e novas perspectivas de compreensão.

## 2. DESCENTRAMENTOS, RUPTURAS, CRISES E CONFLITOS DA IDENTIDADE

### 2.1. O LEGADO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO

Como forma de iniciar as análises das transformações a respeito do modo de pensar o corpo, sua identidade e a moda no recorte da contemporaneidade, faz-se necessário situar o leitor sobre as rupturas advindas da pós-modernidade. O termo, popularizado pelo filósofo francês Jean-François Lyotard, designa o período que em que todas as grandes narrativas (visões de mundo) entram em crise e os indivíduos estão livres para criar tudo novo; um período no qual coloca-se em questão os padrões pré-estabelecidos de todos campos do saber científico, filosófico e artístico, ampliando a diversidade do olhar analítico e crítico sobre o mundo.<sup>1</sup> Tema central desta pesquisa, o corpo biológico, sua identidade de gênero e social também são, então, questionados quanto às suas novas abordagens e relações no que diz respeito à (des)construção do indivíduo pós-moderno.

Esse olhar crítico-analítico, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, é característico da transformação da modernidade sólida para a líquida, "um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível".<sup>2</sup> A ideia de liquidez vem do fato que os líquidos sofrem constante mudança, não têm uma forma específica, e não conservam essa forma por muito tempo, ou seja, são fluídos que se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, diferentemente dos sólidos que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldar-se a novas formas. Neste trabalho pretende-se pensar o corpo como um recipiente apto a ser "preenchido" por uma identidade fluida.

---

<sup>1</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2002.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

### 2.1.1. CRISE DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

O ambiente pós-moderno e as mudanças comportamentais das gerações que o habitam resultam em um clima de incertezas e angústias que começa a impactar também um outro tipo de mudança estrutural que transforma as sociedades modernas no final do século XX: a integridade do indivíduo, mais especificamente, sua identidade. O sociólogo Stuart Hall, diz que “isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”.<sup>3</sup> Hall ainda afirma que essa perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito: “Esse duplo deslocamento— descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.”<sup>4</sup>

Assim, de acordo com Hall, o sujeito antes visto como tendo uma identidade fixa, unificada e estável foi descentrado e fragmentado e agora passa a ser composto de não uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, não-resolvidas, abertas, inacabadas, fragmentadas, podendo o sujeito assumir identidades diferentes em diferentes momentos, identidades essas que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. A identidade torna-se então, nas palavras do autor, “uma “celebração-móvel”, que é formada e transformada continuamente em relação às formas que somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.<sup>5</sup> Nessa mesma direção, e indo além, o filósofo, crítico e curador francês Nicolas Bourriaud, examinando a produção de artistas contemporâneos, propõe a ideia de uma nova modernidade que nasce a partir da primeira década do século XXI, com a crise econômica mundial: a "altermodernidade", a primeira era cultural do mundo globalizado.<sup>6</sup> “Alter” significa outro, mas o prefixo evoca igualmente a multidão. Aplicado à política, a alter-globalização é uma constelação de lutas locais que visam combater a homogeneidade mundial. No domínio cultural, “alter-moderno” significa

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.9.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 12-13.

<sup>6</sup> BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Todas as Artes)

algo semelhante, é como um arquipélago de singularidades conectadas umas às outras.

Nessa era, sob o viés da arte, Bourriaud privilegia as práticas referentes aos deslocamentos geográficos dos artistas. O filósofo cunha o termo "artista radicante"<sup>7</sup>, tomado como sintoma de um mundo marcado pela mobilidade resultante da porosidade das fronteiras entre estados nacionais, das migrações, do turismo crescente, dos fluxos econômico-financeiros acelerados ou das navegações pela internet.<sup>8</sup> O "artista-radicante" corresponde então a um nômade global, um errante cultural, aquele que procura o inverso do enraizamento absoluto, ou seja, aquele que põe as suas raízes em movimento, encenando-as em contextos e formatos heterogêneos, desprezando sua origem, traduzindo ideias, transcodificando imagens, transplantando comportamentos, trocando, mais do que impondo. Bourriaud define que essa "aclimação" aos ambientes consiste em "traduções culturais" ou "laboratórios de identidades", em "novos modos possíveis de habitar" o "mundo existente".<sup>9</sup> O sintoma do "artista-radicante" proposto por Bourriaud sugere a ideia de identidade dispórica, concordando "celebração-movel" de Hall, e é a partir dessas duas noções que se guiará o olhar para o estudo da moda representa por várias identidades de um mesmo sujeito.

---

<sup>7</sup> O termo "radicante" faz referência à planta que possui várias raízes ou à que é capaz de produzi-las sempre que replantada; dessa maneira, o artista radicante seria, por analogia, aquele que, não ficando raízes em um só território, possibilitaria, com seu nomadismo, "trocas culturais" (BOURRIAUD, 2011a, p. 12)

<sup>8</sup> BOURRIAUD, op. cit., p. 51

<sup>9</sup> BOURRIAUD, N. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009a; e, por fim, do autor, *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 111.



### 2.1.2. IDENTIDADES-TAGS

Ainda a respeito da crise identitária, Hall aborda um segundo grande "descentramento" no pensamento ocidental do século XX, advindo da descoberta por Freud do inconsciente, campo que funciona de acordo com uma "lógica" muito diferente daquela da Razão.<sup>10</sup> Através disso, pode ser compreendido que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente e, assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento.

Entende-se então que a identidade permanece sempre incompleta, em processo de formação. Assim, em vez da noção de identidade como uma coisa acabada, fala-se de identificação, como um processo em andamento. Psicanaliticamente, continuamos incessantemente buscando solidificar as partes montantes, que podemos chamar de *tags* da nossa identidade, com as quais construímos tramas ou redes que tecem as diferentes partes de nossos "eus"<sup>11</sup>, forma através da qual procuramos deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Cabe aqui destacar que o corpo biológico, o gênero social, a sexualidade e o desejo passam a ser entendidos de formas descoladas e independentes, o que passa a influenciar significativamente as relações sociais. Isso se dá sobretudo no comportamento de moda, que é capaz de sustentar signos e significados através das roupas, suporte para linguagem e comunicação da identidade.

Nessa mesma direção, o conceito de "multívíduo", proposto por Canevacci, modifica o conceito clássico de indivíduo:

"O multívíduo é um sujeito divisível, plural, fluido. Ubíquo. Um mesmo sujeito pode ter uma multiplicidade de identidades, de "eus", e assim multividuar a sua subjetividade. Um dos sintomas disso é a ideia de gênero. O feminino e o masculino já não são mais percebidos como uma divisão definida biologicamente. O gênero é visto como uma construção cultural que não comporta mais uma lógica binária, dualista. Entende-se

---

<sup>10</sup> HALL, op. cit.

<sup>11</sup> O termo "eus" singular-plural "define um sujeito diaspórico que libera tensões e visões materiais/imateriais pós-dualistas. Seu contexto é a metrópole comunicacional e não mais a cidade industrialista. As novas linguagens ideogramáticas e icônicas desafiam os alfabetos tradicionais e vão além" (CANEVACCI, Massimo. *Sincrétika: Explorações Etnográficas sobre Artes Contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 2013).

que é possível ter uma multiplicidade de experiências sensuais eróticas. A moda é outro exemplo: o multívíduo não se identifica por um estilo de moda específico, único. Ele modifica seus estilos de acordo com os diferentes contextos em que se encontra. Isso impõe grandes desafios para o estudo da moda, que não deve mais ser tomada como algo que manipula, pois cada multívíduo escolhe elementos diferenciados e, a partir disso, cria sua própria performance.”<sup>12</sup>

A partir desse desafio do estudo da moda identificado por Canevacci, este trabalho propõe uma análise multivíduo, a fim de detectar as diferentes formas de performance que a constitui.

### 2.1.3. RUPTURA DA HETERONORMATIVIDADE

As transformações impulsionadas sobretudo pelo desempenho efetivo da era pós-industrial a partir das últimas décadas do século XX, foram plano de fundo para uma importante ruptura social, caracterizada pela quebra do pensamento lógico binário e, conseqüentemente, do pensamento heteronormativo. Essa ruptura servirá como fio condutor para o entendimento das relações de moda e gênero atuais. É percebida, então, a complexidade das relações de gênero e das novas subjetividades surgidas, principalmente com o impacto do feminismo. O movimento feminista é citado por Hall como um dos grandes descentramentos do sujeito pós moderno, tanto como crítica teórica quanto como movimento social.<sup>13</sup> De acordo com o sociólogo, o feminismo fez parte do grupo de vários novos movimentos sociais associados à efervescência de “1968” e teve uma “relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico” do que os outros movimentos.<sup>14</sup>

A partir dessa ruptura e descentramento, o gênero passa a ter uma abordagem desconstrutivista e a se intersectar com várias identidades construídas cultural e historicamente, que são constituídas por discursos dentro dos grupos sociais. Essa constatação serve de base para o entendimento das novas abordagens do gênero e de moda sob o *zeitgeist* contemporâneo: fluido, confuso e imprevisível. Desta forma, o

---

<sup>12</sup> Trecho retirado da entrevista de Massimo Canevacci à jornalista Flávia Dourado para o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/massimo-canevacci>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

<sup>13</sup> HALL, op. cit, p. 45-46.

<sup>14</sup> Ibidem.

ambiente aqui apresentado é considerado propício para o despertar do posicionamento do indivíduo como sujeito pós-moderno, que pode ser entendido como um efeito da conquista da sua liberdade de identidade social. Com caráter militante – vide os intensos movimentos atuais de lutas de gênero contra a matriz cultural heteronormativa, que opera sob uma lógica binária de dois sexos (macho/fêmea) e de dois gêneros (homem/mulher) –, desperta-se então a necessidade de quebra de paradigmas latentes sob as fronteiras entre o corpo biológico e o corpo social, já que estas fronteiras passam a ter caráter poroso e os corpos, fluido.

## 2.2. ABORDAGENS DO GÊNERO

### 2.2.1. TEORIA *QUEER* E DA PERFORMATIVIDADE

Para compreender os paradigmas latentes entre o corpo biológico e o corpo social, a filósofa estadunidense Judith Butler traz a biologia para o campo social, motivo pelo qual se tornou um dos principais nomes da atualidade nos estudos de gênero. Butler afirma que, em nossa sociedade, a despeito do presente pós-moderno, ainda estamos imersos numa matriz cultural heteronormativa, típica do pensamento lógico binário, e que, por isso, vivemos sob uma tensão chamada de “ordem compulsória”.<sup>15</sup> Essa tensão exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática, que são obrigatoriamente heterossexuais. A autora destaca a necessidade de subverter essa ordem compulsória, tendo em sua obra a intenção de historicizar o corpo e o sexo, desestabilizando o sujeito e dissolvendo a dicotomia sexo x gênero.

Essa desconstrução do sujeito empreendida por Judith Butler caracteriza-a como *queer*, termo ligado à teoria *queer* e aos movimentos políticos que, desde o final da década de 1980, principalmente nos Estados Unidos, trabalharam para a ressignificação da palavra, que originalmente era usada como um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio. A apropriação radical do termo *queer*

---

<sup>15</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

torna-o resistente a definições fáceis e rasas e a sua ressignificação encontra-se em constante elaboração. A teórica feminista Eve Kosofsky Sedgwick ( caracteriza o *queer* como indistinguível e instável, sendo essas características, conforme pontuam diversos outros autores, a fonte de seu poder crítico.<sup>16</sup>

Butler argumenta que, diante da efervescência dos movimentos identitários que surgiram ao longo da década de 1970 (como o de liberação gay, por exemplo), o *queer* construiu-se como uma ferramenta para problematizar e questionar qualquer termo alegadamente universal.<sup>17</sup> Isso incluiu a chamada “ordem compulsória”, no que diz respeito a estabilidade e variabilidade dentro do campo do gênero, já que este, de acordo com a sua teoria, é performativo. O *queer*, portanto, apresentou-se como nova possibilidade de identidade, recusando a definição e a estabilidade. É transitivo, múltiplo e avesso à assimilação, tendo a pretensão de desconstruir o sujeito, defendendo a instabilidade e a indeterminação de todas as identidades sexuadas e generificadas.

Pode-se dizer que os conceitos de gênero e sexo em Butler consolidam sua desconstrução do sujeito e apresentam as possibilidades de subversão da heteronormatividade. Seu tema central é a caracterização da identidade de sexo e de gênero como performativa, argumentando que o gênero não é natural e que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu gênero. Ela afirma ainda que, mesmo que o gênero não seja natural, pode apresentar-se como tal nos casos em que se cristaliza, ou seja, em que parece fixos/estáveis. Segundo Butler:

“O gênero não é, de modo algum, uma identidade estável ou um locus de ação de onde procedem vários atos; em vez disso, é uma identidade tenuemente constituída no tempo - uma identidade instituída através de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero é instituído através da estilização do corpo e, em seguida, deve ser entendida como a maneira mundana em que gestos corporais, movimentos e afirmações de vários tipos constituem a ilusão de um gênero permanente.”<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> SEDGWICK apud SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

<sup>17</sup> BUTLER, op. cit.

<sup>18</sup> BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, Baltimore, vol. 40, n 4, pp. 519-531, dec. 1988.

De acordo com a autora, a performatividade se dá pelo conjunto de atos repetidos, dentro de um quadro regulatório altamente rígido, que leva à nomeação e constitui-se na e pela linguagem; a identidade, então, é o resultado dessa constância. A teoria da performatividade de Butler está diretamente relacionada ao que o sociólogo Erving Goffman denominou de “fachada pessoal” para a representação do “eu”: uma forma de comunicação do tipo teatral e contextual, de natureza não-verbal e, por conjectura, não-intencional – quer a comunicação seja organizada propositalmente ou não.<sup>19</sup>

Entende-se, portanto, que os gênero são apenas efeitos de verdade e seu papel seria produzir a falsa noção de estabilidade. Algumas dessas encenações são mais paródicas que outras, como o *drag*, que revela a natureza mimética de todas as identidades de gênero. Diante desse quadro, a partir da teoria da performatividade de Butler, nota-se a importância de analisar a moda como fenômeno, sendo esse o principal viés desta pesquisa, e também como ferramenta para performar o gênero, pois, de acordo com a autora, ele é um ato intencional que produz significados. Como objeto social, o vestuário torna-se comunicador dos atributos do indivíduo, compondo sua apresentação visual e revelando, através da imagem, traços sobre a sua identidade, estilo, gostos, valores, seu papel na sociedade, os grupos aos quais pertence e sua personalidade.

### 2.2.2.PANORAMA ATUAL DO MOVIMENTO DAS LUTAS DE GÊNERO

Como pilar fundamental para embasar a presente pesquisa, fez-se necessário compreender o contexto cultural dos movimentos das lutas de gênero na atualidade. Percebemos que o ambiente apresentado até então é considerado propício para o despertar do posicionamento do indivíduo como sujeito pós-moderno, o que pode ser entendido como um efeito da conquista da sua liberdade de identidade de gênero. É importante agora observar quais foram os avanços e evoluções dos movimentos que são relevantes para tal embasamento, pois, ao passo que várias questões e

---

<sup>19</sup> GOFFMAN, Erving, *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books Edition, 1959 (Trad. Bras. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2005, 13ª Edição.

reivindicações cumpriram sua função social ao longo do tempo, as ondas posteriores levantaram novas abordagens, dando um caráter evolutivo aos questionamentos de cada frente das lutas.

Como objeto de pesquisa, será abordada a mais recente onda das lutas feminista e transgênero identificada na última década e como seus impactos geraram grande visibilidade nas mídias, considerando que esses dois grupos ainda sofrem reflexos da opressão patriarcal e heteronormativa dominante durante séculos na cultura ocidental. São militâncias de grupos distintos, mas que possuem fundamentos interseccionais: lutam pela quebra de estereótipos pré-estabelecidos na sociedade, principalmente os impostos pela mídia de massa, pela conquista de liberdade de identidade social, pelo posicionamento como indivíduos pós-modernos de identidade fluida, incluindo a necessidade de se quebrar paradigmas latentes, entre eles a tensão ou porosidade entre o corpo biológico e o corpo social. Sendo essa onda um objeto que aborda fenômenos de cunho social, cultural e comunicacional, a reflexão sobre os seus desdobramentos e impactos são intrínsecos ao fenômeno da moda.

### 2.2.3. FEMINISMO COMO PROPULSOR DA FRAGMENTAÇÃO DO GÊNERO

Como já citado anteriormente, Hall reconhece o feminismo da década de 1960 como um dos grandes descentramentos do sujeito pós-moderno, o que legitima a relevância do movimento como objeto de estudo acerca do gênero e, como consequência, sua relação com o fenômeno da moda.<sup>20</sup> O feminismo da época destacada por Hall, além de outras questões, também politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação, pois discutia a relação entre homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas como sujeitos generificados. O que a princípio era um movimento orientado para contestar a posição social das mulheres se expandiu e incluiu a formação de identidades sexuais e de gênero, apoiando a noção de que homens e mulheres compartilhavam da mesma identidade, a “humanidade”, excluindo a noção das diferenças pela questão sexual.

---

<sup>20</sup> HALL, op. cit.

De forma geral, boa parte da teoria feminista tem presumido que o gênero é uma construção social que é colocada sobre um meio passivo, o corpo ou, mais especificamente, o sexo. Dessa forma, o gênero está para a cultura como o sexo está para a natureza. Essa distinção foi abraçada principalmente pelo feminismo de Simone de Beauvoir, para quem uma série de significados culturais é inscrita sobre um corpo sexuado; daí sua afirmação de que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher. Considerando o avanço mundial do feminismo, no Brasil especificamente o conhecimento acerca do feminismo de Beauvoir foi cobrado no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM em 2015, causando grande impacto nas mídias e revelando a importância de se abordar o tema na educação.

#### 2.2.4. CONFLITOS A CERCA DO GÊNERO NOS MOVIMENTOS

É importante considerar o surgimento de novas vertentes de caráter evolutivo dentro do movimento feminista, como forma de sanar atuais questões da pós-modernidade. Uma delas é denominada feminismo pós-moderno (definida como uma crítica às estruturas profundas da sociedade e a certos binarismos restritivos do pensamento) e outra denominada feminismo ilustrado (fundamentado na busca de uma “verdadeira” universalidade). Além dessas, Butler identifica-se com uma vertente mais polêmica, a qual muitos denominam pós-feminismo. Ela aponta a falsa estabilidade da categoria "mulher" (segundo a teoria da performatividade) e propõe buscar um outro modo de questionamento da constituição do sujeito que não use uma identificação normativa embasada no “sexo” binário. No entanto, a filósofa reconhece a necessidade estratégica de manter a categoria mulheres, por imperativo da política feminista.

Da mesma forma que o pensamento pós-feminista de Butler soa contraditório ao movimento feminista, a ativista Amiel Vieira<sup>21</sup>, que participou como palestrante da Semana Emancipa de Artes e Comunicações, realizada em março de 2017 na Escola

---

<sup>21</sup> Amiel Vieira é ativista das causas LGBT e participou como palestrante na Semana Emancipa de Artes e Comunicações realizada em março de 2017 na Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo - USP.

de Comunicação e Artes – ECA da Universidade de São Paulo, revelou que o movimento LGBT também passa por tensões parecidas dentro do grupo. A sigla, que já sofreu algumas modificações na sua construção semântica ao longo do tempo, sempre em função da evolução do movimento em relação às lutas da categoria, atualmente pode ser descrita como ALGBTI e refere-se aos assexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexo, respectivamente; ou ainda como LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e *queer*). Essa contínua alteração semântica deixa claro o reconhecimento da multiplicidade do gênero dentro do movimento, mas ao mesmo tempo também se torna contraditória, pois, de acordo com a ativista Amiel, a grande maioria da categoria reconhece que é necessária a quebra do padrão de classificação dos gêneros através da sigla (já que entende-se o gênero como livre de classificações). A ativista, contudo, ressalta que, para a visibilidade do movimento enquanto uma luta pelo seu reconhecimento e representatividade, essa classificação ainda é importante nos dias de hoje.

Percebe-se então que o ponto central de ambas as lutas na pós-modernidade é o reconhecimento da diferença/multiplicidade (de sexualidade, raça, idade, cor, etc.), pois não há uma base unitária de identidade e experiência compartilhada por todos. Enfatiza-se a importância da “desconstrução” das análises que buscam a dicotomia e, no lugar, buscam uma linguagem mais fluida e aberta que reflita melhor as experiências das categorias. Essa constatação ajuda a entender que há uma possível lógica na trajetória das lutas, que parte do feminismo e amadurece continuamente em direção à expansão de conceitos e possibilidades no que diz respeito ao gênero, principalmente, porque este último não se constitui de modo coerente e consistente ao longo da história.



### 3. TRANSVERSALIDADE DO GÊNERO NA CULTURA E MÍDIA

#### 3.1. *GENDER SPECTRUM*: O GÊNERO *MILLENNIAL*

Conforme apresentada, podemos interpretar a teoria da performatividade de Butler como uma subversão do mito da binariedade de gêneros, pois o termo *queer*, que antes era um deboche aos homo, bi, trans, assexuais, etc., vira um deboche direcionado à própria heteronormatividade, já que não existe “normalidade” de gênero, ou seja, todos somos estranhos (*queer*) em proporções diferentes. Ao mesmo tempo em que se destrói a binariedade de gênero, também se destrói categorias como homo/pan/bi, pois tudo se torna contínuo e sem possibilidade de classificações, estereótipos, etc.

Ainda que reconheçam a limitada classificação através da sigla, é notória a luta do movimento ALGBTI para que essa multiplicidade de gêneros seja reconhecida, visto a intensa evolução da sigla do movimento. Em 2016, a Comissão de Direitos Humanos da cidade de Nova York decidiu oficializar essa multiplicidade e apontou trinta e uma nomenclaturas de identificação de gêneros para serem usadas em âmbitos profissionais e oficiais. Em 2014, após reclamações de usuários que queriam mais opções de gênero em seus perfis, a rede social Facebook passou a oferecer em alguns países, como Estados Unidos, Reino Unido e Argentina, cinquenta e seis novas opções de classificação de gênero.

Através de uma pesquisa realizada entre público jovem em março de 2016, o jornal britânico *The Guardian* apelidou a geração Y (ou *millennials*) de “gender-fluid generation” (geração de gênero fluido) e citou alguns nomes influentes, como a atriz Ruby Rose e a cantora pop Miley Cyrus, que se identificam dessa maneira.<sup>22</sup> O jornal recebeu 104 respostas de pessoas que se sentiam como fluidas em maior ou menor grau. Para alguns, isso significava flutuar entre a multitude de gêneros.

---

<sup>22</sup> MARSH, Sarah. The gender-fluid generation: young people on being male, female or non-binary. *The Guardian*, mar. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/23/gender-fluid-generation-young-people-male-female-trans#img-4>>. Acesso em: 03 fev. 2017.



**Figura 1** Gender fluid: Daniela Esquivel Asturias transita entre ser masculina ou feminina. Fonte: The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/23/gender-fluid-generation-young-people-male-female-trans#img-4>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

Outra pesquisa, a Fusion's Massive Millennial Poll, realizada pelo site americano Fusion em janeiro de 2015, entrevistou 1000 pessoas com idade entre 18 e 34 anos e revelou que metade dos *millennials* acreditam que o gênero existe na “forma” de um espectro e não deve ser limitado às categorias de masculino e feminino.<sup>23</sup> Os resultados sugerem que os jovens estão se afastando de uma concepção binária de gênero, mudança importante em relação às gerações anteriores.

A partir desses dados, podemos relacionar o surgimento da ideia de *gender spectrum* e os conflitos sobre as suas classificações com um outro descentramento previsto por Stuart Hall, associado com o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure:

“Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. [...] As palavras são "multimoduladas". Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. [...] O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e

---

<sup>23</sup> FUSION. Half of young people believe gender isn't limited to male and female. Disponível em: <<http://fusion.net/half-of-young-people-believe-gender-isnt-limited-to-mal-1793844971>>. Acesso em: 03 fev. 2017. Para resultados completos e metodologia, cf. Report to Fusion.net – January 2015: Survey of Millennials. Disponível em: <<https://fusiondotnet.files.wordpress.com/2015/02/fusion-poll-gender-spectrum.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (veja Derrida, 1981).”<sup>24</sup>

Desta forma, os fatos analisados nesta pesquisa são considerados propulsores para o desenvolvimento de uma tendência comportamental que se reflete no comportamento de moda de uma geração, ou seja, no seu estilo de se vestir. A análise da moda que se desdobrará adiante, segundo essa perspectiva, explora e ao mesmo tempo reflete a complexidade das relações de gênero e de novas subjetividades no contexto histórico e sociocultural contemporâneo.

### 3.1.1. TRANSFEMINILIDADE NA CRISTA DA ONDA

É no bojo dessas discussões que se começa a pensar sobre a transfeminilidade, que define como o movimento *queer* foi absorvido pelo feminismo e que representa a interseccionalidade entre as lutas de gênero. Judith Butler levanta um questionamento vital para a compreensão dos mais recentes debates sobre as lutas de gênero: “Quem é o sujeito do feminismo?”<sup>25</sup> Essa reflexão sugere que a vivência das mulheres trans, dos homens trans, das travestis, das pessoas não-binárias ou de qualquer outro gênero que se identificam com a feminilidade podem ser compreendidas como vivências femininas e exigem respeito e direitos como tal. Apesar das diferenças, como luta, o transfeminismo entende que todos sofrem opressões a partir de uma perspectiva do feminino, construindo-se como ferramenta de compreensão múltipla e vibrátil dessas vivências femininas. De forma geral, o transfeminismo nasce da aplicação de conceitos transgêneros ao discurso feminista e do discurso feminista aos conceitos da transgeneridade, reivindicando questões como o combate à violência cissexista/transfóbica, o direito ao livre exercício de sua(s) sexualidade(s), o direito reprodutivo e a terminologia anti-biologizante, a quebra de padrões binários, etc.

---

<sup>24</sup> HALL, Stuart., op. cit.,p.40-41.

<sup>25</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Entendida essa interseccionalidade, podemos considerar que a comunicação midiática atual das causas feministas e trans muitas vezes compartilham de um mesmo *ethos* e um mesmo *pathos*, pois abordam a vivência feminina como um ponto em comum. Maurício Morais<sup>26</sup>, outro palestrante participante da Semana Emancipa de Artes e Comunicações, na ECA-USP, afirma que o feminismo e, em especial, as causas trans são a grande novidade da vez dos apelos da mídia, que lhes confere cada vez mais visibilidade para fins comerciais, ressaltando que a categoria abordada é a mulher-trans (homem que se torna mulher), enquanto o homem-trans ainda é “invisível” comercialmente. O palestrante afirma que o novo nicho econômico foi detectado pelo mercado, da mesma forma como ocorreu com os gays e, em seguida, com as lésbicas anos atrás. Ele deixa claro que, no passado, esses eram retratados como pessoas brancas e da classe média, porém hoje percebe-se que esses estereótipos já estão sendo quebrados. Maurício destaca ainda que, apesar da visibilidade trans ter aumentado através das mídias em geral, como novelas, revistas, publicidade e programas/seriados de TV, muitas vezes ele se dá através de um protagonismo, o que não agrega à visibilidade do discurso político do movimento. Por outro lado, o ativista reconhece que os meios de comunicação são os verdadeiros “educadores” da população e que, por isso, esse protagonismo tem sua importância.

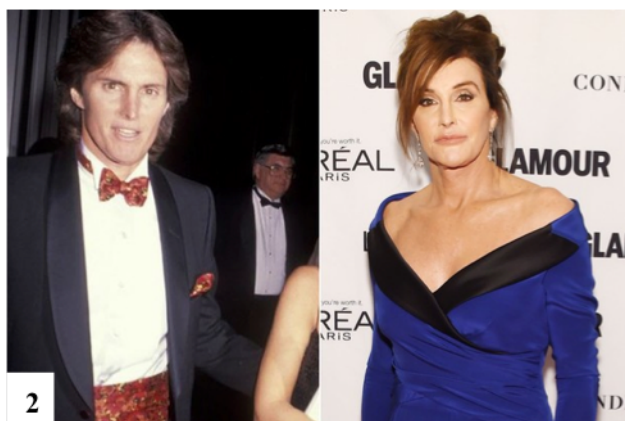
A seguir, estão citados alguns exemplos de manifestações institucionais, midiáticas, artísticas e culturais que abordaram o tema do gênero nos últimos anos. O objetivo consiste em encontrar conexões entre essas manifestações e a difusão de tendências de moda, pois, possivelmente, essas manifestações podem ter culminado em uma onda efervescente que impactou a forma de pensar a identidade e o gênero, provocando desdobramentos em tendências de produtos oferecidos em lojas, no estilo de se vestir e, conseqüentemente, na moda identitária das gerações em questão – os *millennials* e *centennials*. Muitas manifestações são protagonizadas por marcas ou personalidades que têm grande importância no que diz respeito à influência no modo de se comportar e se vestir, do qual o mercado de moda muitas vezes se apropria para impulsionar vendas. A observação dessas personalidades pode ser utilizada como ferramenta de construção da identidade dos indivíduo que os veem como modelos

---

<sup>26</sup> Maurício Morais é ativista das causas LGBT e participou como palestrante na Semana Emancipa de Artes e Comunicações, realizada em março de 2017 na Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo - USP.

estéticos ideais, como é o caso de jovens que se sentem inspirados por histórias de vida e de luta pela causa em questão. Seguem os casos:

- **Caitlyn Marie Jenner**, nascido William Bruce Jenner, é uma atriz, modelo, *socialite* e ex-atleta transexual norte-americana. Conquistou fama em seu país nos Jogos Olímpicos de Verão de 1976 e, anos depois, teve fama mundial ao participar, juntamente com sua família, do *reality show* americano *Keeping Up with the Kardashians*, no ar desde 2007. Caitlyn assumiu sua mudança de sexo em 2013 e desde então passou por diversos procedimentos médicos e cirúrgicos que complementam sua contínua transformação.



**Figura 2.** Antes e depois: Bruce Jenner assume a identidade de Caitlyn Jenner em 2015. Fonte: EGO. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/12/de-bruce-jenner-caitlyn-jenner-relembre-transformacao-do-ex-atleta.html>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

- **A Oficina de Desprincesamento** é inspirada em uma iniciativa chilena, e pretende mostrar que as meninas podem ser quem quiserem, com o objetivo de apresentar alternativas ao modelo de “princesa” imposto sobre as garotas. O projeto é itinerante e está em atividade no Brasil desde 2016. Na ocasião sua chegada, teve muita repercussão nas redes sociais, chegando a ser considerado como um reflexo da nova leva de princesas “sem príncipes” da Disney.



**Figura 3.** Oficina de desprincesamento chega a São Paulo e questiona padrões de gênero. Fonte: ESTADÃO. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,oficina-de-desprincesamento-chega-a-sao-paulo-e-questiona-padroes-de-genero,10000093192>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

- A *maison Dior* apresentou Maria Grazia Chiuri como a sua primeira diretora criativa na coleção de Primavera/Verão 2016, desfilada na semana de moda de Paris. Ao colocar na passarela uma camiseta com a frase "We Should All Be Feminists" ("Nós todos devemos ser feministas"), a diretora deixou bem claro o que pretendia e incendiou as redes sociais.



**Figura 4.** Coleção de Primavera/Verão da *maison Dior* é marcada por manifesto feminista. Fonte: GLAMOUR. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Moda/temporadas/noticia/2016/09/estreia-de-maria-grazia-chiuri-na-dior-e-marcada-por-manifesto-feminista.html>>. Acesso em 1 mai. 2017.

- **Emma Watson** participa ativamente do movimento **ElesPorElas** (*HeForShe*), lançado em setembro de 2014 pela ONU Mulheres (Entidade das Nações Unidas para a igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres). Até dezembro do mesmo ano, o movimento foi assunto de mais de 1,2 bilhões de conversas em mídias sociais, atingindo todos os cantos do globo. Em março de 2017, o Museu da Arte Moderna de São Paulo foi sede da Semana de Arte *HeForShe* e realizou eventos diários sobre o empoderamento das mulheres na arte, conectado com outras cidades como Nova York, Londres, Paris, Madrid, Bangkok e Santiago.



**Figura 5.** Emma Watson é embaixadora global da Boa Vontade da ONU Mulheres. O movimento *HeForShe* é um esforço global para envolver homens e meninos no empoderamento feminino. Fonte: ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

- **Lady Gaga** subiu ao palco do Oscar 2016 para realizar a performance da música “Till it happens to you”, do documentário *The Hunting Ground*, indicada como melhor canção original. O filme aborda a violência sexual contra as mulheres nas universidades americanas. Um grupo de vítimas de violência ficou ao lado dela enquanto ela cantava e tocava piano, em uma apresentação em forma de manifesto.



**Figura 6.** Lady Gaga canta e leva vítimas de abuso sexual ao palco do Oscar 2016. Fonte: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2016/noticia/2016/02/oscar-2016-kesha-agradece-lady-gaga-por-cantar-til-it-happens-you.html>>. Acesso: 1 mai. 2017.

- **Laverne Cox** é uma atriz transgênero norte-americana, mais conhecida pela personagem Sophia Burset na série *Orange Is the New Black*. O papel lhe rendeu uma indicação aos prêmios Emmy em 2014, se tornando assim a primeira pessoa transgênero ser indicada à premiação do evento. No mesmo ano, ela também se tornou a primeira pessoa transgênero a aparecer na capa da revista *Time*, com o título “The Transgender Tipping Point”.



**Figura 7.** Laverne Cox é a primeira transgênero a aparecer na capa da *Time*, com título que sugere nova fronteira do direito civil americano. Fonte: UOL. Disponível em: <<https://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/29/atriz-de-orange-is-the-new-black-estrela-capada-time-sobre-transexuais.htm>>. Acesso em: 1 mai. 2017.



- A *National Geographic* estampou a capa da edição de janeiro de 2017 com **Avery Jackson**, uma menina trans que se tornou ativista e aborda a questão de gênero nas redes sociais há dois anos, já sendo considerada uma importante voz nos EUA. Além do impresso, o canal de TV lançou um documentário intitulado *Gender Revolution*.



**Figura 8.** Avery Jackson é uma menina trans, e aos 7 anos é ativista, tendo sido capa da National Geographic em janeiro de 2017. Ao lado, o folder do documentário *Gender Revolution*. Fonte: UOL - Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2016/12/16/menina-trans-de-nove-anos-e-capade-edicao-da-revista-national-geographic.htm>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

- **Liniker**, 22 anos, é vocalista da banda Liniker e os Caramelows, uma das atuais promessas da MPB, e se identifica com um gênero não-binário fluido. A série documental *Liberdade de Gênero* do canal GNT dedicou um episódio à história da cantora (que atualmente prefere ser referenciada através do gênero sintático feminino). No episódio, Liniker diz: “Sou uma artista desta geração que se expressa assim, um dos meus maiores desejos é: bote para fora quem você é, não tem problema”.<sup>27</sup> A cantora participa ativamente de debates interseccionais pois se diz ser “negro, gay e pobre”. A forma como brinca com as normas femininas e masculinas no seu estilo de se vestir ela chama de gênero “fluido” ou “desconstruído”, e já é referência para muitos jovens que acompanham sua carreira. A barba por fazer, o uso de maquiagens, turbantes, saias e argolas são suas principais marcas de estilo. Em entrevista para o jornal Estadão diz: “[...] eu tirei o gênero da minha vida. Eu me chamo de a Liniker, o Liniker, apenas Liniker. Exatamente isso que eu tento quebrar com o meu trabalho. Pode ser a cantora Liniker, nascido em Araraquara. Eu não tenho uma fórmula”.

<sup>27</sup> Liberdade de Gênero – “Não binários” foi transmitido pela GNT em quinta-feira 10 nov. 2016.



**Figura 9.** Liniker diz que tudo é expressão (moda e música), a moda é uma forma de expressão para mostrar seu trabalho, e que muitos artistas a usam como complemento da música. Fonte: ESTADÃO - Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,eu-posso-ser-uma-mulher-de-barba-que-usa-batom,10000056719>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

- **Jaloo**, aos 29 anos, é cantor, compositor e DJ, figurando como uma das grandes apostas da música eletrônica brasileira, ou, mais especificamente, o que ele chama de “*sci-fi* brega” -- uma mistura de música eletrônica, tecnobrega e ritmos latinos. Suas letras falam sobre vivências na cidade natal e desilusões amorosas, numa mistura nada convencional de regionalismo e modernidade. Ganhou bastante notoriedade por transitar entre os gêneros masculino e o feminino dentro e fora do palco. Seu corte de cabelo incomum, seus traços indígenas e o uso de peças ditas femininas, como shortinho, top e calça de cintura alta atraem olhares curiosos. Em entrevistas ele se define como “tímido, esquisito e *freak*”. O músico nota que a figura feminina ainda é subestimada pelas equipes técnicas e afirma que, como forma de resistência a esse preconceito que sofre, não deixará de aproximar-se da imagem de uma mulher. Em março de 2017 foi convidado pela marca de cosméticos MAC para fazer a campanha do duo perfume e batom Heroine da linha MACShadescents.



**Figura 10.** Jaloo quebra padrões e questiona sobre o preconceito através do seu estilo. Fonte: Huffpost - Disponível em: <[http://www.huffpostbrasil.com/2016/05/20/jaloo-fala-sobre-timidez-e-identidade-de-genero-gosto-de-usar\\_a\\_21682999/](http://www.huffpostbrasil.com/2016/05/20/jaloo-fala-sobre-timidez-e-identidade-de-genero-gosto-de-usar_a_21682999/)>. Acesso em 1 mai. 2017.

**Figura 11.** Jaloo faz campanha para MAC Brasil da linha MACShadescents. Fonte: @maccosmeticsbrasil - Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/BRbMy3SgTRZ/?taken-by=maccosmeticsbrasil&hl=pt-br>>. Acesso em 1 mai. 2017.

- A marca de cosméticos Natura lança campanha #QuemÉVocêNaRua, da linha de maquiagem Natura Faces, com a mensagem “As ruas refletem a beleza da sua identidade”, trazendo questionamentos sobre os padrões de beleza impostos socialmente. É inspirada na história de cinco personalidades transgressoras: a *drag queen* **Aretha Sadick**, o cantor *queer* **Johnny Hooker**, a modelo *plus size* **Mayara Efe**, a *vlogger* **Mariana Torquato** e a ativista feminista **Ellen Milgrau**, que trazem representatividade para a campanha. O vídeo da campanha mostra as personalidades maquiadas enfrentando situações cotidianas nas ruas, atraindo olhares de estranhamento, objetificação, machismo e preconceito.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Cf. vídeo da campanha #QuemÉVocêNaRua. Disponível em: <<https://youtu.be/FNbl2TxEqic>>. Acesso em 1 mai. 2017.



**Figura 12.** @ellenmilgrau: “Você não pode usar o que você quer, você não pode se expressar. Isso tem que acabar”.

Fonte: @maquiagemnatura - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BTRR9DnFrtP/?taken-by=maquiagemnatura&hl=pt-br>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

**Figura 13.** @arethasadick: “Quando eu coloco meu corpo, meu gênero na rua é para que ela se torne um lugar de coragem”.

Fonte: @maquiagemnatura - Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/BTY\\_IS8FFru/?taken-by=maquiagemnatura&hl=pt-br](https://www.instagram.com/p/BTY_IS8FFru/?taken-by=maquiagemnatura&hl=pt-br)>. Acesso em: 1 mai. 2017.

**Figura 14.** @hookerjohnny: “Ser um artista assumidamente gay é uma maneira de fazer com que as pessoas tenham orgulho de ser as suas próprias criações”.

Fonte: @maquiagemnatura - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BTbfLCMIAf2/?taken-by=maquiagemnatura&hl=pt-br>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

- A *rapper* negra e feminista **Karol Conká** estampou a capa da revista *Rolling Stone Brasil* na edição de março de 2017, tendo alcançado patamares inéditos para uma mulher no *rap* brasileiro. Com letras provocantes e agressivas, a cantora gosta muito de se produzir e é adepta de um visual ultracolorido, com cabelo rosa e roupas marcantes. No mesmo mês, a cantora foi eleita a nova apresentadora do programa *Superbonita*, do canal de TV GNT, no qual se sente a vontade para abordar a quebra de padrões de beleza. No episódio “Beleza Fluida”, a cantora entrevistou os cantores **Jaloo** e **MC Linn da Quebrada**, a modelo trans **Yollanda Maakeo** e o *youtuber* andrógino **Guilherme Rocker**.



**Figura 15.** *Rapper* negra e feminista, Karol Conka é destaque no *hip-hop* Nacional.

Fonte: @rollingstonebrasil: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BRt0Wpwgor2/?taken-by=rollingstonebrasil>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

**Figura 16.** No episódio "Beleza Fluida" do programa *Superbonita*, Karol Conká entrevista MC Linn da Quebrada, destaque do funk LGBT, que se considera um "terrorista" de gênero.

Fonte: @karolconca: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BTSivIYBBI2/?taken-by=karolconca&hl=pt-br>>. Acesso em: 1 mai. 2017.



**Figura 17.** Yollandamaakeo desfila para a marca A La Garçonne na SPFWTRANS n.42

Fonte: @yollandamaakeo: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BMIJMUlhCot/>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

**Figura 18.** O *youtuber* Guilherme Rocker é humorista e usa a sua androginia para levantar questionamentos ao seu público.

Fonte: @rockerpirate: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BTrCTFRjFp8/>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

- Com duas vocalistas trans, **Raquel Virgínia** e **Assucena Assucena**, o grupo musical paulista **As Bahias** e a **Cozinha Mineira** lançou em novembro de 2015 o álbum *Mulher*, em sintonia com as discussões feministas que então dominavam as redes sociais. Com o uso de *hashtags* como #meuprimeiroassedio e #meuamigosecreto, mulheres incentivavam umas às outras a exporem situações nas quais se sentiam assediadas e constrangidas, como forma evidenciar a real amplitude do problema vivido por milhares de mulheres diariamente e, assim, alimentar a visibilidade do debate feminista.

Ao longo de 2016, Raquel e Assucena endossaram a visibilidade trans nos meios de comunicação em geral e, em 29 de janeiro de 2017, Dia da Visibilidade Trans, a dupla lançou a série *Nós Existimos – Visibilidade Trans*, com cinco episódios, nos quais fazem leituras dramáticas de histórias baseadas em experiências reais, com o objetivo de combater o preconceito e denunciar todos os tipos de violência sofridos por essa população, além de compartilhar experiências sobre a construção de identidade e de gênero.<sup>29</sup>



**Figura 19.** Assucena Assucena (à esq.) e Raquel Virgínia (à dir.) lideram o grupo musical As Bahias e a Cozinha Mineira e endossam a visibilidade trans.

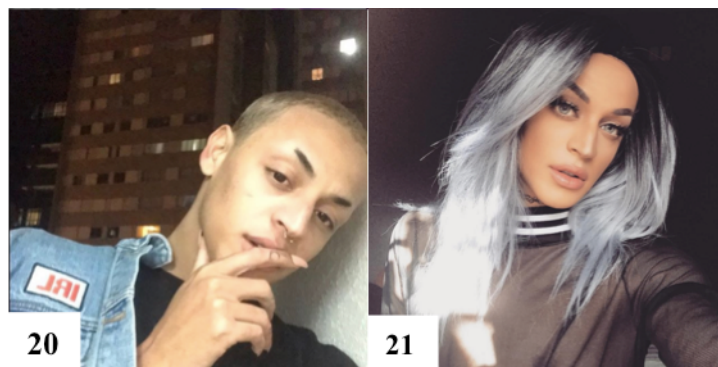
Fonte: REDE BRASIL ATUAL - Disponível em:

<<http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2017/02/as-bahias-e-a-cozinha-mineira-lancam-campanha-pela-visibilidade-trans>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

---

<sup>29</sup> Cf. a série *Nós Existimos – Visibilidade Trans*. no Disponível em:<[https://youtu.be/BcfHN\\_RjSgk?list=PLYzHpzMw2\\_s7GOdQRhY4O76BnqskFh-VM](https://youtu.be/BcfHN_RjSgk?list=PLYzHpzMw2_s7GOdQRhY4O76BnqskFh-VM)>. Acesso em 1 mai. 2017.

- A *drag queen* brasileira **Pablo Vittar** lançou seu primeiro disco solo em janeiro de 2017, aos 22 anos de idade. Em apenas uma semana após o lançamento, *Vai passar mal* já era o terceiro álbum mais baixado do iTunes e nove de suas dez músicas estavam na lista das cinquenta mais tocadas do aplicativo Spotify. A cantora tem mais de 700 mil seguidores no Instagram, onde compartilha momentos do cotidiano das suas identidades dentro e fora dos palcos. Devido a seu enorme número de seguidores, Pablo Vittar tem se tornado grande influência de moda e comportamento entre os jovens que a seguem.



**Figura 20 e 21.** Pablo Vittar publica visuais distintos quando está dentro e fora dos palcos. À esquerda, se mostra “desconstruída”, com cabelo raspado, sem maquiagem, com *piercing* no septo e roupa casual; as unhas compridas prevaescem. À direita, se mostra super produzida, com maquiagem carregada, lentes coloridas nos olhos, apliques capilares e roupa transparente, sugerindo sensualidade. Fonte: @pabblivittar - Disponível em: <<https://www.instagram.com/pabllvittar>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- **Rico Dalasam** faz parte da safra de músicos nacionais que questionam padrões de gênero, porém segue um estilo musical inusitado para abordar o tema: o *hip hop*. Aos 27 anos, é o único *rapper* brasileiro assumidamente gay e desponta como representante do movimento *queer rap*. Antes de se dedicar somente à música, Dalasam trabalhava como produtor de moda no bairro Jardins, em São Paulo, o que pode explicar sua grande força de expressão através das roupas e acessórios. Dalasam é a abreviação da frase “Disponho Armas Libertárias a Sonhos Antes Mutilados”, revelando a força do seu *rap* como resistência à opressão.



**Figura 22.** Rico Dalasam quebra padrões de gênero no *rap*. Usa boné, top e unhas pintadas

Fonte: @ricodalasam - <https://www.instagram.com/p/BSL1C08Ap42/>

**Figura 23.** Dalasam se maqueia com sombras de glitter. A barba por fazer não contradiz sua vaidade e tampouco a sua feminilidade

Fonte: @ricodalasam - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BQEWtSyAgMK/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

**Figura 24.** Propostas ousadas como cabelos coloridos e roupas transparentes fazem parte da identidade de Dalasam

Fonte: @ricodalasam - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BROv6WmAn-g/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- Grandes varejistas se adaptaram ao novo momento da moda. O primeiro deles foi **Barneys**, cujo catálogo de verão 2014 da loja americana trazia 17 modelos transgêneros e contava a história pessoal de cada um no site. Em 2015, foi a vez da inglesa **Selfridges**, que lançou o projeto *Agender*, propondo uma nova experiência de compras sem a divisão das peças em seções masculinas e femininas. No Brasil, a grande rede **C&A** lançou em 2016 duas campanhas que abordaram o tema da ruptura de padrões de gênero na moda. A primeira, lançada em março, foi a *Misture, ouse e divirta-se*, juntamente com a hashtag #tudolindoemisturado, e a segunda, em referência ao Dia dos Namorados, em junho, foi a campanha *Dia dos Misturados*.<sup>30</sup> Apesar da C&A não ter se posicionado claramente em relação ao direcionamento dos produtos, ambas as campanhas demonstraram que a marca está acompanhando as mudanças culturais atuais e se adaptando para melhor atender o seu público.

<sup>30</sup> Cf. vídeo da campanha *Misture, ouse e divirta-se*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=44QjXsZtozg>>. Acesso em 17 mai. 2017, e vídeo da campanha *Dia dos Misturados*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vevC0nutVIs>>. Acesso em 17 mai. 2017.





**Figura 25.** Campanha *Dia dos Misturados* da C&A apresenta meninas e meninos trocando e misturando suas peças de roupas.

Fonte: ELLE BRASIL - Disponível em: <<http://elle.abril.com.br/moda/c-a-lanca-campanha-que-questiona-a-ideia-de-roupas-feitas-para-meninas-ou-meninos/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- A temporada masculina internacional de AW/15 foi marcada por questionamentos de gênero. Em Milão, o primeiro desfile da **Gucci**, assinado por Alessandro Michele chamou atenção pela androginia. A proposta de vestir homens e mulheres de forma semelhante deixou quase impossível distinguir quem era homem e quem era mulher na passarela.



**Figura 26 e 27.** Coleção *ready-to-wear* masculina do AW/15 da Gucci não distingue gêneros. Fonte: FFW - Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/desfiles/milao/inverno-2016-rtw/gucci-men/1467027/>>.

Acesso em: 17 mai. 2017.

- Em Paris, ainda na temporada masculina de AW/15, **Rick Owens** desconstruiu os valores tradicionais de virilidade e do vestuário masculino de forma polêmica. A desconstrução das peças algumas vezes resultava em fendas frontais que deixavam ligeiramente à mostra os pênis de alguns modelos, que chegavam a ficar completamente visíveis com o caminhar, já que os *looks* em questão não incluíam cuecas. A repercussão no Instagram não foi instantânea, talvez na mesma proporção da sutileza da nudez. Thomas Gorton, colunista da *Dazed*, escreveu: “Numa época em que sexo e censura estão na mente de todos, Rick Owens, o rei da estranheza na moda, entrou em território inexplorado: a nudez masculina.”<sup>31</sup> Laia Garcia, do *Yahoo Style*, questionou se isso foi um reflexo do debate sobre feminismo e igualdade nas passarelas e fora delas: “As modelos são muitas vezes forçadas a revelar tudo quando andam pela passarela, por isso, por um lado é justo que os homens também tenham a chance de ficarem nus. É comum dizer que a nudez frontal masculina é a fronteira final da igualdade — nos filmes, na televisão e, sim, até mesmo na moda. [...] É uma tentativa sutil de quebrar as barreiras finais das formas aceitáveis de se cobrir e de mostrar o corpo masculino.”<sup>32</sup>



28

**Figura 28.** Coleção AW15 de Rick Owens explora nudez masculina

Fonte: DAZED - Disponível em: <<http://www.dazeddigital.com/fashion/article/23336/1/models-bare-their-penises-at-rick-owens>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

<sup>31</sup> Cf. Matéria de Thomas Gordon para Dazed, disponível em: <<http://www.dazeddigital.com/fashion/article/23336/1/models-bare-their-penises-at-rick-owens>>. Acesso em 17 mai. 2017.

<sup>32</sup> Cf. Matéria de Laia Garcia para yahoo Style, disponível em: <<https://www.yahoo.com/style/tit-for-nut-rick-owens-embraces-the-male-form-108838201898.html>>. Acesso em 17 mai. 2017

- Em Londres, a coleção SS/16 *Genderfluid club kids*, da **MM6 Maison Margiela**, apresentou um clima disruptivo que harmonizou o caos e a criatividade do pós-gênero. A androginia dos modelos e a fluidez do gênero das roupas se combinaram à estética futurista-retro da coleção.



**Figura 29,30 e 31.** Coleção SS/16 MM6 Maison Margiela é intitulada *Genderfluid club kids*.

Fonte: VOGUE - Disponível em: <<http://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2016-ready-to-wear/mm6-maison-martin-margiela>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- A transfobia e a transitoriedade foram temas da 42<sup>a</sup> edição da São Paulo Fashion Week, intitulada **SPFWTRANSN42**. O estilista mineiro **Ronaldo Fraga** foi mais uma vez precursor em misturar moda e discurso político e social ao levar somente modelos transexuais e travestis para o desfile da sua coleção Inverno/17, um feito inédito na semana de moda paulistana.



**Figura 32.** Ronaldo Fraga levanta a bandeira contra a transfobia ao apresentar a coleção Inverno/17 com 28 modelos trans na passarela da SPFWTRANSN42

Fonte: VEJA - Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blog/beleza-de-blog/ronaldo-fraga-emociona-publico-da-spfw-com-apoio-a-transgeneros/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- A edição da SPFWTRANSN42 contou com a estreia da marca **LAB**, dos irmãos Emicida e Evandro Fióti e com direção criativa do estilista João Pimenta. A coleção teve como um dos destaques a diversidade, trazendo referências africanas e orientais ao *streetwear*. Segundo seus criadores, a ideia da LAB é criar e apresentar uma moda democrática, versátil e inclusiva, que atenda a todos os tipos de corpos, trazendo também peças *genderless*.



**Figura 33, 34 e 35.** Marca LAB do *rapper* Emicida estreia na SPFW com coleção *genderless*.  
 Fonte: FASHION NETWORK - Disponível em: <<http://br.fashionnetwork.com/news/Desfiles-de-Sao-Paulo-LAB-estrea-sua-moda-democratica,746099.html#.WStrIiMrLak>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- Andróginos e trans se tornaram destaque nas passarelas, revistas e campanhas de moda nos últimos anos, e continuam no auge. A trajetória foi iniciada pelo andrógino **Andrej Pejic**, que atua tanto como modelo feminino quanto masculino e foi destaque da Vogue em 2010. Em 2014, aos 22, passou pela cirurgia de mudança de sexo e sua nova identidade é **Andreja**. Em dezembro de 2011 a modelo brasileira **Lea T.** foi a primeira capa da ELLE Brasil com uma mulher trans, participando ainda das Olimpíadas do Rio-2016 como porta-voz da diversidade de gênero, racial e orientação sexual. Lea T. faz parte do primeiro grupo de modelos brasileiras que lutam abertamente contra o preconceito e a violência contra os transexuais. A atriz e modelo australiana **Ruby Rose** ganhou grande destaque com sua personagem Stella Carlin no seriado *Orange Is The New Black*, da Netflix. Sua aversão à ideia de gênero tem chamado muita atenção do mundo da moda. Em 2016, aos 17 anos, **Jaden Smith**, conhecido pelo seu gosto particular de brincar com o gênero ao se vestir, tendo sido estrela da

campanha feminina de Verão 2016 da Louis Vuitton. Foi a primeira vez que um menino estrelou a campanha feminina da marca. No mesmo ano a modelo **Hari Nef** foi a primeira menina trans a assinar um contrato com a IMG, uma renomada agência de modelos, e desde então vem alcançando muita visibilidade como ativista da causa trans. Foi destaque no desfile do Inverno 16 da Gucci e também estrela na série *Transparent*, da Amazon, que aborda questões ligadas à transgeneridade. Em março deste ano, **Valentina Sampaio**, brasileira de 21 anos, foi a primeira transgênero na capa da Vogue Paris, além de ser a primeira modelo trans a ser porta-voz da L'Oréal Paris.



36

**Figura 36.** Campanha feminina do Verão 16 Louis Vuitton estrelada por Jaden Smith.  
 Fonte: FFW - Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/jaden-smith-estrela-campanha-feminina-da-louis-vuitton/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.



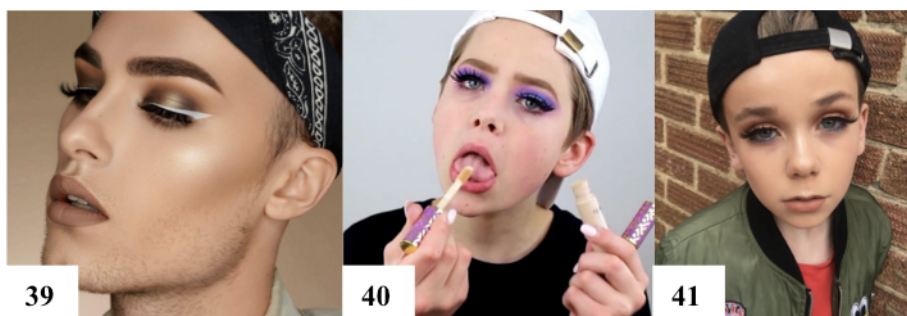
37

38

**Figura 37.** Ruby Rose é referência de moda por transitar entre os gêneros  
 Fonte: @rubyrose - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BUoDC8dhGA2/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

**Figura 38.** Hari Nef é capa da ELLE UK em setembro de 2016  
 Fonte: ELLE UK - Disponível em: <<http://www.elleuk.com/life-and-culture/culture/articles/a31273/hari-nef-elle-cover-september-2016/>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

- Seguindo a atual onda de blogueiras, *instagrammers* e *youtubers* que se dedicam à dicas de beleza, alguns garotos se interessaram pelo mundo das maquiagens artísticas e ganharam número extraordinário de seguidores e grandes contratos com fabricantes de cosméticos. Com 2 milhões de seguidores no Instagram, **James Charles** aos 18 anos é uma celebridade da maquiagem artística e referência de estilo. **Wesley Benjamin** tem 21 anos e possui mais de 100 mil seguidores no Instagram e se dedica a desenvolver maquiagens para efeitos em fotografia, tornando-se inspiração criativa para muitos profissionais da área. Wesley frequentemente deixa sua barba crescida o que revela que não pretende negar sua masculinidade. **Jake Warden** com 15 anos tem mais de 1,8 milhões de seguidores no seu perfil do Instagram. Jake aborda o tema com muita leveza e brincadeira. **Makeup by Jack** é o mais novo prodígio do momento; com apenas 10 anos o garoto já possui mais 100 mil seguidores no Instagram e seus tutoriais no Facebook passam de 57 milhões de visualizações. James, Jake e Jack também usam unhas compridas e esmaltadas, normalmente com cores neutras como bege ou branco. O destaque dos garotos se dá pelo fato de apresentarem tutoriais de maquiagens extremamente elaboradas, com preparação da pele, cílios postiços, sombras multicoloridas, efeitos de luz, e também pela desconstrução do estereótipo de gênero binário, que é algo comum a eles. Jake se diz ser apenas um garoto que gosta de maquiagem, e que isso não tem ligação com a sua identidade sexual.



**Figura 39.** Wesley Benjamin / Fonte: @ wesleybenjamincarter Disponível em: <[www.instagram.com/wesleybenjamincarter](http://www.instagram.com/wesleybenjamincarter)>. Acesso em: 17 mai. 2017.

**Figura 40.** Jake Warden / Fonte: jakewarden Disponível em: <[www.instagram.com/jakewarden](http://www.instagram.com/jakewarden)>. Acesso em: 17 mai. 2017.

**Figura 41.** Makeup by Jack / Fonte: @ makeuupbyjack Disponível em: <[www.instagram.com/makeuupbyjack](http://www.instagram.com/makeuupbyjack)>. Acesso em: 17 mai. 2017.

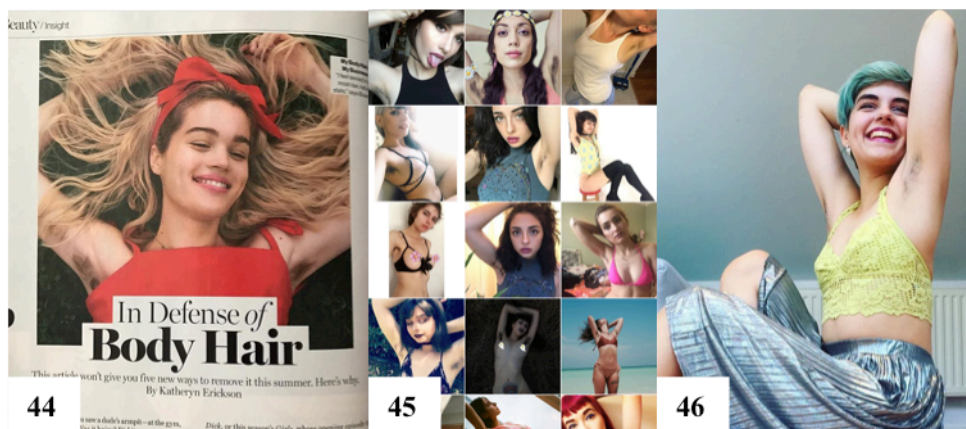
- O coletivo **Ni Una Menos**, desde que nasceu na Argentina, em 2015,, em resposta a uma onda de feminicídios, vem refletindo suas manifestações feministas por diversos países como Brasil, Espanha, México, Peru, Polônia e Itália. Sua mais recente ação global foi a Greve Internacional de Mulheres, no dia 8 de março de 2017 (Dia Internacional da Mulher), que contou com a adesão de pelo menos 30 países, e teve como objetivo repolitizar e radicalizar a data, para que esta seja voltada para conscientização sobre a violência econômica e defesa dos direitos da mulher no trabalho.<sup>33</sup> **Cecilia Palmeiro**, uma das fundadoras do coletivo, participou do seminário Histórias da Sexualidade realizado no MASP nos dias 26 e 27 de maio de 2017, juntamente com vários outros pesquisadores, curadores, professores, psicanalistas, filósofos e ativistas. Os debates gerados sobre o gênero, a sexualidade e suas transversalidades nas áreas da política, artes e direitos humanos, visavam à conexão com a cultura visual e prática artística. O seminário deu continuidade a uma primeira discussão ocorrida em setembro de 2016 e é parte de um projeto que inclui uma exposição a ser inaugurada em outubro de 2017.



**Figura 42 e 43.** Cecilia Palmeiro veste camiseta do coletivo Ni Una Menos no Seminário da História da Sexualidade no MASP, em 27 de maio de 2017. Fonte: Acervo pessoal.

<sup>33</sup> Cf. reportagem e entrevista com a fundadora do coletivo Ni Una Menos, Cecilia Palmeiro, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PWId-4LiPIA>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

- Como um movimento contrário aos padrões estéticos femininos estabelecidos pela mídia, mulheres do mundo todo compartilham fotos de aceitação da beleza de seus corpos na forma que naturalmente são. Assumem seus corpos saudáveis, rejeitando a imposição da beleza extremamente magra e também dos processos depilatórios, como no movimento **#bodyhair** e **#hairympits**, no qual mulheres expõem nas fotos suas axilas, pernas e virilhas com pelos crescidos, mostrando que não devem ser demonizados, pois são naturais do corpo humano e cada mulher deve ser livre para tratá-los da maneira que quiser, livre de julgamentos estéticos. A *Glamour Magazine* aborda o assunto como nova tendência de beleza para o verão na edição de Junho de 2017.



**Figura 44.** Matéria da seção de beleza *Em defesa dos pêlos do corpo (tradução)* na *Glamour Magazine* britânica de junho de 2017.

Fonte: @kateoficial - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BUSDHnEFPj8/?taken-by=kateofficial&hl=pt-br>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

**Figura 45.** Mulheres usam a hashtag **#bodyhair** no instagram

Fonte: @ahairyarmpits - Disponível em: <[www.instagram.com/ahairyarmpits](http://www.instagram.com/ahairyarmpits)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

**Figura 46.** Connie tem mais de 70 mil seguidores, venceu o distúrbio alimentar da anorexia e se posiciona contra os padrões de beleza

Fonte: @my\_life\_without\_ana - Disponível em: <[www.instagram.com/my\\_life\\_without\\_ana](http://www.instagram.com/my_life_without_ana)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

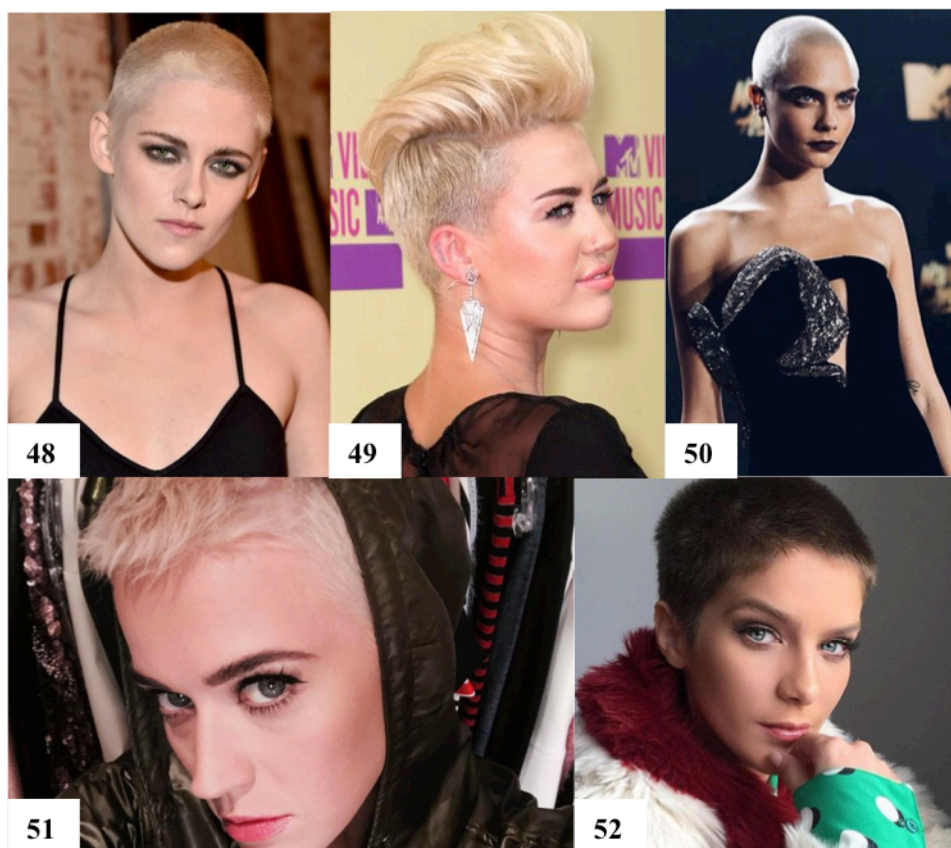
- Neste ano a **Rede Globo**, emissora de televisão de maior impacto no Brasil, trouxe no mês de março a abordagem sobre o gênero e identidade no programa *Fantástico*, na série “Quem sou eu?”, composta por quatro episódios exibidos semanalmente. Em abril, o programa *Profissão Repórter* abordou o tema da violência contra travestis e transexuais no país. Também com estreia em abril, a novela “Força do Querer” retrata a personagem Ivana, que sofre ao viver uma crise de identidade de gênero.





**Figura 47.** Globo aborda crise de identidade de gênero na novela *Força do Querer*.  
Fonte: GSHOW - Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/vem-por-ai/noticia/ivana-se-desespera-ao-se-olhar-no-espelho.ghtml>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

- Uma possível moda de cabelos bem curtos e raspados para as meninas surgiu entre modelos, atrizes e cantoras pop. A maioria adquiriu o corte por conta de um trabalho específico, mas o assunto passou a ser visto como tendência de beleza pela mídia, pois se tratavam de personalidades que se posicionam contrariamente aos padrões de beleza femininos pré-estabelecidos. **Miley Cyrus, Pink, Isabella Santoni, Katy Perry, Kristen Stewart e Cara Delevingne** são algumas estrelas que recentemente assumiram o visual.



**Figura 48.** Kristen Stewart

Fonte: O GLOBO - Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/kristen-stewart-surge-de-cabelo-raspado-em-estreia-de-filme-21029162>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

**Figura 49.** Miley Cyrus

Fonte: CAPRICHÔ - Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/beleza/10-famosas-com-cabelo-raspado-que-amamos/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

**Figura 50.** Cara Delevingne

Fonte: @caradelevingne Disponível em: <[www.instagram.com/caradelevingne](http://www.instagram.com/caradelevingne)>. Acesso em: 2 jun. 2017.

**Figura 51.** Katy Perry.

Fonte: F5 UOL - Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/04/katy-perry-muda-visual-e-comparada-a-justin-bieber-e-eminem.shtml>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

**Figura 52.** Isabella Santoni

Fonte: MARIE CLAIRE - Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2016/09/isabella-santoni-fala-de-personagem-com-cancer-e-da-mudanca-radical-de-visual.html>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

- A **Casa Judith** é um ateliê compartilhado no centro de São Paulo, em atividade desde maio de 2015. Produz e executa o projeto de empoderamento social *Urbano & Ancestral* e tem como missão: garantir o direito à livre expressão da sexualidade, credo e etnia; produzir arte com responsabilidade social, por meio de ações de valorização da cultura brasileira; proporcionar a troca de conhecimento e o estímulo à construção de projetos artísticos

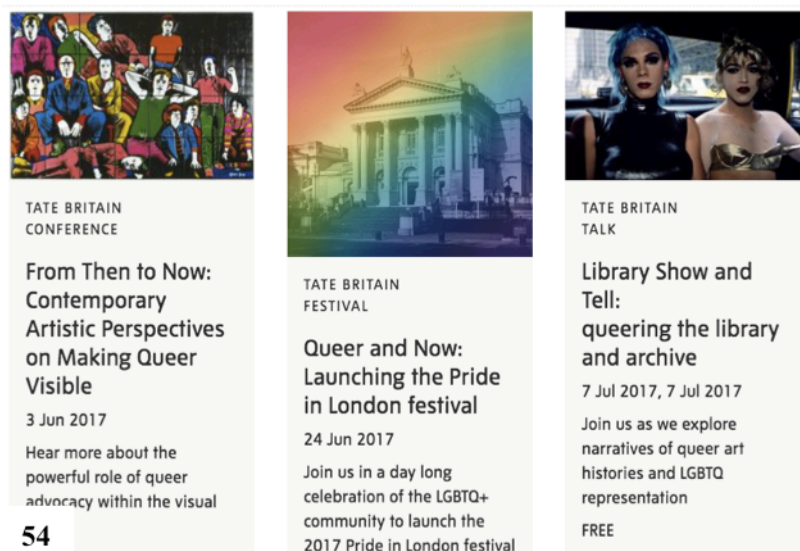
colaborativos por meio de vivências, oficinas e rodas de conversa com o público majoritariamente LGBT.



**Figura 53.** Casa Judith é um espaço colaborativo voltado para o público LGBT.

Fonte: CASA JUDITH - Disponível em: <<https://www.casajudith.com/nos>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

- O museu **TATE Britain** apresenta a primeira exposição dedicada à arte *queer* britânica. De abril a outubro de 2017, a *Queer British Art* apresentará trabalhos de 1861 a 1967 relativos a identidades lésbicas, gays, bissexuais, trans e *queer* (LGBTQ). A exibição marca o 50º aniversário da descriminalização parcial da homossexualidade masculina na Inglaterra e explora como os artistas se expressaram em um momento em que os pressupostos estabelecidos sobre gênero e sexualidade estavam sendo questionados e transformados. Trabalhos profundamente pessoais e íntimos são apresentados, com pinturas, desenhos, fotografias pessoais e filmes de artistas como John Singer Sargent, Dora Carrington, Duncan Grant e David Hockney. Além desta exposição, o museu traz vários outros eventos relacionados ao tema.



**Figura 54.** Programação de eventos relacionados à arte *queer* no TATE Britain. Fonte: TATE  
 - Disponível em: <<http://www.tate.org.uk>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

De forma analítica, as diversas manifestações midiáticas e culturais citadas como exemplos revelam a complexidade das relações de gênero e das novas subjetividades surgidas como desdobramentos de seus impactos, abrindo um leque de possibilidades para a verificação e a constatação de que o gênero se intersecta com várias identidades construídas culturalmente e constituídas histórica e discursivamente.

Entende-se que,, a partir dessas manifestações culturais, o mercado identificou um nicho de interesse econômico. A publicidade, assim com os meios de comunicação, procuram traduzir comportamentos, sentimentos, relações de poder e intersecção das relações de gênero que sejam condizentes ao contexto histórico e cultural da contemporaneidade. Passa-se a observar novas formas de feminilidade, concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais, que vão guiar o olhar da moda em direção a uma prática mais libertária e subjetiva. Essas novas perspectivas de comportamento começam a ser detectadas nas ruas das grandes metrópoles e ganham cada dia mais força, revelando a relação de simbiose entre os fatos sociais/culturais e os apelos comerciais que alimentam o fluxo da moda.

### 3.1.2. A VITRINE DA RUA: MODA COMO ENTIDADE FLUIDA

Para entender a relação de simbiose entre os fatos/fenômenos sociais e os apelos comerciais, foi proposto para este trabalho a realização de uma pesquisa empírica, fundamentada na fotoetnografia, realizada na cidade de São Paulo. O método proposto é justificado pela grande importância da observação do movimento urbano. Para Valéria Brandini ,

“Desde a modernidade, a moda se aproxima das artes, dos esportes, do entretenimento, da tecnologia; contudo, é na pós-modernidade que ela se torna eXtrema<sup>34</sup>: a incorporação desordenada de eventos, valores, entre tantas searas que compõem o mosaico da vida urbana pós- moderna e a reprodução estilizada destes sob o signo da mudança. A moda como entidade fluida a incorporar e a ser incorporada nos apresenta e nos representa na vitrine da rua”.<sup>35</sup>

Assim, entende-se que a constante observação do ambiente urbano na metrópole é essencial para detectar mudanças do comportamento social e como essas mudanças estão sendo reproduzidas através da moda. Sobre a importância dessa relação, Brandini afirma que:

“Essa Moda eXtrema que 'veste a rua' se veste de rua, ao mesmo tempo em que nos veste com dimensões simbólicas que representam essa rua, incorpora, ao seu tempo, a cultura urbana da metrópole, da crise das categorias sociais como sexo, fé, família, da inversão de valores, dos extremos que vão da moderna guerra tecnológica às uniões entre parceiros do mesmo sexo, passando por uma reavaliação dos paradigmas que, conforme o filósofo Gilles Lipovetsky na obra *O império do efêmero*, estruturam a forma moda: a sedução, o efêmero e as diferenciações marginais”.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> “Concebemos como Moda eXtrema a forma moda em sua dimensão cultural que data das últimas duas décadas do século XX. Conceito gerado a partir da idéia de juventude e sociedade eXtremas de Massimo Canevacci (que foi orientador desta pesquisa na Università La Sapienza): conceito disjuntivo, descentralizado, destinado à “não-síntese”. Ele é, definitivamente, um fenômeno social na pós-modernidade, que se desloca acompanhando progressivamente a evolução da sociedade contemporânea; por essa razão é fluido, modifica-se constantemente ao incorporar valores, significados, atribuições que o reformulam constantemente, de forma que as associações ao termo moda dentro da literatura especializada sobre o assunto são diversas e nem sempre aprofundadas.” (BRANDINI, Valéria. *Vestindo a rua: moda, comunicação e metrópole. Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, São Leopoldo, vol. IX, n.1. jan/abr. 2007, p. 31. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5838>>. Acesso em 20 fev. 2017.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 24.

Com as transformações cada vez mais aceleradas na pós-modernidade, principalmente no âmbito da tecnologia e da intensa interação social que se dá através dela, o ambiente da *web* também se tornou um importante termômetro equivalente ao ambiente da rua. Os indivíduos passaram ter ubiquidade através da *web* e a mobilidade dos *smartphones* torna a relação real x virtual cada vez mais aderente e simultânea. Essa constatação é fundamentada de acordo com o que diz Valéria Brandini :

“A experiência da rua está no corpo da arte, da música, da WEB. A vivência urbana contemporânea assume novos corpi, e o processo de socialização e comunicação desloca-se progressivamente ao compasso da evolução dos meios de comunicação. A rua deslocou-se para o virtual, gerando experiências onde o sensorial e o comunicativo são afetados pela dimensão espacial e temporal da WEB”.<sup>37</sup>

<sup>38</sup>Dessa forma, a pesquisa etnográfica proposta se estendeu ao campo da *web*, principalmente na rede social do aplicativo Instagram, sob os fundamentos da netnografia.

---

<sup>37</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>38</sup> Netnografia é o ramo da Etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na Internet e as dinâmicas desses grupos no ambiente on-line e off-line.

## 4. PESQUISA EMPÍRICA

### 4.1. PESQUISA FOTOETNOGRÁFICA: A MODA *GENDER FLUID*

A pesquisa proposta tem caráter investigativo e visa delinear macro e microtendências sobre o gênero na moda. O levantamento de imagens e informações coletadas durante a pesquisa de campo foi usado como base para o entendimento do comportamento observado entre os jovens da atualidade, o qual resulta em novos olhares sobre uma moda identitária, sem gênero definido ou fluido, que busca inclusão em grupos, e que ao mesmo tempo também busca individualização e distinção entre outros indivíduos. Metodologicamente, trata-se de uma “etnografia reflexiva”, proposta usada pelo antropólogo e etnógrafo Massimo Canevacci, segundo o qual

“o envolvimento emocional torna-se parte constitutiva da estratégia etnográfica, porque o pesquisador é parte da pesquisa, não está fora do contexto analisado. Não se insiste, assim, na objetividade em relação ao objeto, de modo que o objeto não é mais objeto: é um sujeito, com toda sua complexidade, que está em diálogo com o investigador”.<sup>39</sup>

O fazer fotográfico utilizado como suporte da pesquisa pôde ser somado a outras iniciativas de construção de uma antropologia visual, usando a fotografia como um permanente ato de recortar e enquadrar elementos da realidade sob um domínio específico para explicitar o recorte desejado: a fluidez do gênero na moda. Segundo Batista,

“Essa característica aliada ao olhar etnográfico é capaz de conduzir ao desenvolvimento de uma forma narrativa mais aprofundada, não se restringindo apenas ao texto na construção de sentidos e à fotografia como ferramenta de pesquisa de campo, mas também à fotografia como discurso. Sendo possível, na construção de uma narrativa visual, ter-se uma maior eficácia na difusão dos resultados obtidos”.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> CANEVACCI, Massimo. Entrevista concedida a Flávia Dourado. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/massimo-canevacci>>. Acesso em 10 mar. 2017.

<sup>40</sup> BATISTA, J. C. A fotografia como discurso: alteridade, etnografia e comunicação. *Revista Anagrama*, São Paulo, ano 3 – edição 4, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7130/6432>>. Acesso em 28 de abril de 2017.

A pesquisa etnográfica se deu no centro expandido da cidade de São Paulo e também no campo das redes sociais, com fundamento na netnografia; sobretudo com ênfase no público *millennial*. A seleção das pessoas que foram fotografadas nas ruas se deu no âmbito do olhar, de forma ocasional. As imagens extraídas da rede social Instagram foram cedidas pelos usuários de cada página pessoal acessada. O critério para a seleção foi guiado, primeiramente, por um senso estético subjetivo sobre a desconstrução de padrões de gênero através das roupas que, após a abordagem do público, se desenrolou por uma breve conversa a respeito do tema da pesquisa.

De acordo com Valéria Brandini,

“Uma marca da individualização, da personalização, da demarcação de territórios e limites é a diferenciação representada pelo código de signos representados pela composição indumentária, a composição de um estilo. O indivíduo se autonomiza na massa e, ao mesmo tempo, a incorpora pela representação que faz de si mesmo, pela dramatização proposta pela forma de vestir-se, de compor um estilo, de comunicar valores sociais ou aspectos subjetivos que deseja expressar para o outro”.<sup>41</sup>

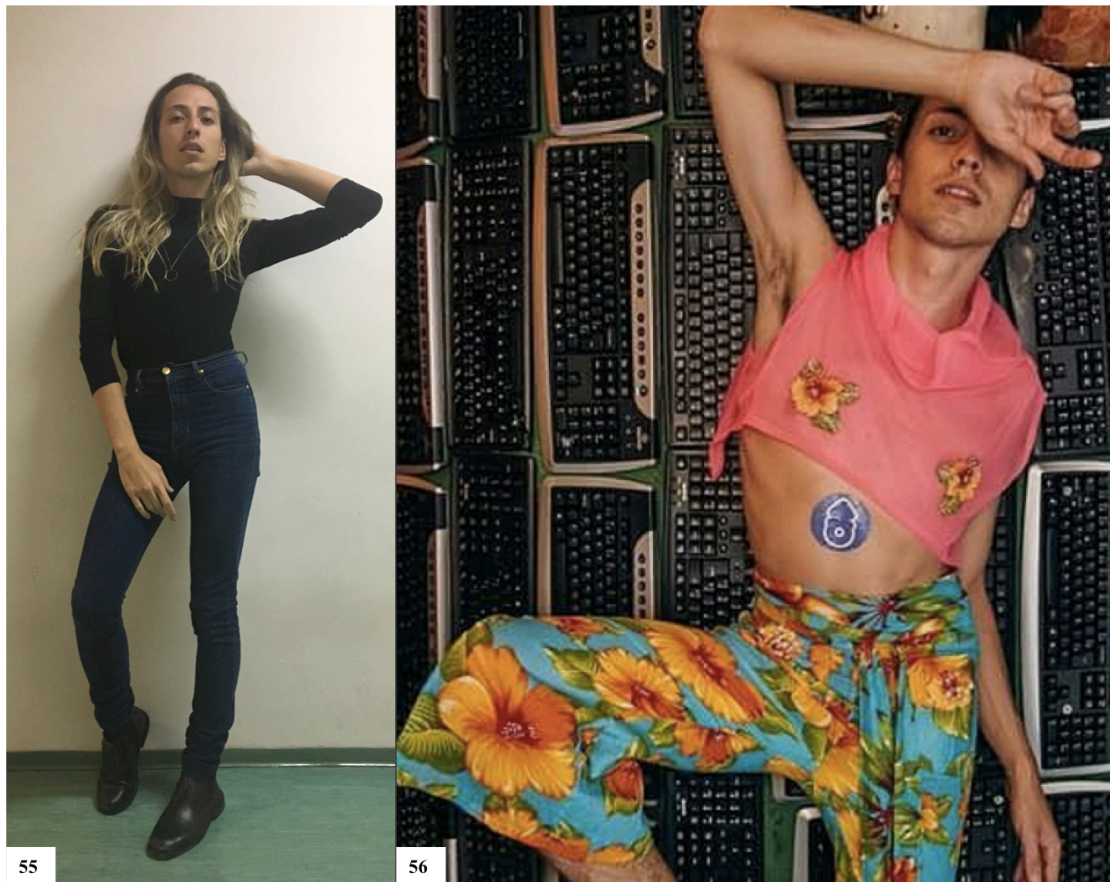
Desta forma, pode-se dizer que todas as pessoas retratadas apresentavam uma construção de imagem/linguagem/expressão corporal notória de um estilo, composto de cores, texturas, roupas, acessórios, maquiagens, cabelo, etc., que expressavam claramente uma construção identitária de gênero fluido, isto é, um gênero não facilmente definido através da somente análise visual, que flutuava entre as possíveis classificações linguísticas criadas popularmente para enquadrar estereótipos de gêneros.

---

<sup>41</sup> BRANDINI, op. cit., p. 26.



#### 4.2. CADERNO DE CAMPO: REGISTROS FOTOGRÁFICOS E ENTREVISTAS - NAS RUAS E NA *WEB*



**Figura 55.** Entrevista 1 – Alan

**Figura 56.** Alan posa para editorial da sua marca Andrógino

Fonte: @andro\_gino - Disponível em: <[www.instagram.com/andro\\_gino](http://www.instagram.com/andro_gino)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

#### **Entrevista 1**

Alan, 25 anos. Gosta de transitar entre os gêneros ao se vestir. A escolha depende do seu humor do dia, mas sem a preocupação de ficar feminino ou masculino, pois gosta das duas estéticas e o que vier a resultar das combinações possíveis ao seu alcance ele considera “ótimo”, pois diz que ama a experiência do gênero poder ser “mensurado” através das roupas pelo olhar do outro, mesmo quando ele faz suas escolhas de forma intencional. Na Figura 55, na ocasião da entrevista, ele vestia calça jeans *skinny* de cintura alta da seção *unissex* da marca Amapô, blusa preta bem ajustada ao corpo de gola alta comprada na seção feminina, colar de corrente bem delicada com anel pingente e botas de couro. Usa diariamente maquiagem

básica, apenas para ficar com uma boa aparência e não parecer maquiado. Costuma usar os cabelos compridos e as barbas um pouco crescidas. É criador da marca de roupas Andrógino. Alan explica que a marca possui proposta de enxergar o ser humano além dos rótulos “homem” e “mulher”, subvertendo valores que promovam melhorias aos direitos humanos. Na Figura 56, Alan veste as roupas da Andrógino, com cartela de cores vibrantes, estampas e apliques florais, formas amplas e fluidas e a camiseta *cropped* mostra seu abdômen. Essa estética é bastante diferente das roupas neutras e monocromáticas que vestia no dia da entrevista, porém ambas possuem notória feminilidade no seu estilo, sobretudo pelo acentuado delineamento da sua silhueta, através das roupas muito justas e da marcação da cintura (Figura 55) e da exposição do abdômen com flores localizadas na direção do mamilo (Figura 56).



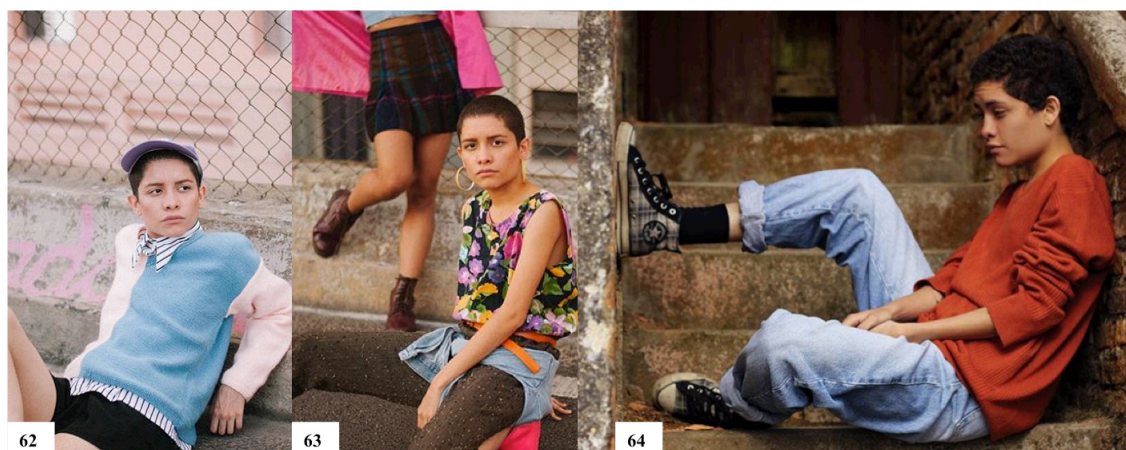
**Figura 57 e 58.** Entrevista 2 – Victor

**Figuras 59,60 e 61.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Victor no Facebook.

Fonte: Facebook - Disponível em: <[www.facebook.com/victorwalles](http://www.facebook.com/victorwalles)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## **Entrevista 2**

Victor, 22 anos. Cada dia se veste de um jeito e às vezes se sente desconfortável em ter que responder perguntas curiosas sobre a forma de como se veste, pois para ele as roupas não tem gênero, assim como as pessoas. Acredita que cada pessoa é livre para se vestir como quiser. Disse que se interessa bastante por discussões sobre gênero e que está lendo o livro *Couro Imperial*, de Anne McClintock, que aborda esse tema. Na Figura 57, na ocasião da entrevista, usava um vestido de comprimento curto e disse que escolheu usá-lo pois fazia calor naquele dia e se sentia mais confortável com essa roupa. O vestido era estampado e possuía modelagem que lembrava uma camisa, com botões na vista, colarinho e manga longa. Também usava um brinco prata de corrente longa com pingente na ponta, apenas na orelha direita. Os sapatos eram botas de cano curto, que usa com bastante frequência. Não usa maquiagens diariamente e no momento estava gostando de usar a barba e bigode crescidos. Nas Figura 59, Victor mostra seu novo corte de cabelo, recentemente raspado na lateral e a barba feita. Na Figura 60, usa um blazer masculino e mostra unhas pintadas de preto. Na Figura 61, ainda de barba, nota-se o uso de maquiagens, como sombra de cor prata e batom de tom arroxeadado e um brinco com um pendente grande na forma de duas argolas é novamente usado apenas na orelha direita.



**Figuras 62, 63 e 64.** Entrevista 3 – Tamara. Imagens extraídas de fotos do perfil no Instagram.

Fonte: @sapatavilhosa - Disponível em: <[www.instagram.com/sapatavilhosa](http://www.instagram.com/sapatavilhosa)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

### **Entrevista 3**

Tamara, 25 anos. Escolhe as roupas pela sua estética e o conforto e não se prende a regras. Usa os cabelos bem curtos ou raspados, não usa maquiagens e raramente usa brincos. Nas imagens selecionadas, nota-se que Tamara usa frequentemente roupas bem confortáveis e amplas em relação ao corpo. Na Figura 62, a camisa e o suéter masculinos são combinados com um boné lilás infantil e um short preto curto, ambos femininos. As cores do suéter, azul e rosa, foram estigmatizadas pela sociedade (azul para meninos e rosa para meninas) e por isso sugerem a combinação dos dois gêneros: graficamente contrapostos, porém juntos. Isso pode ser entendido como parte da identidade de Tamara, visto que sua linguagem visual parece permear os dois gêneros. Na Figura 63, Tamara diz que se considera vestida de forma extremamente feminina naquela ocasião, pois de acordo com seu critério e parâmetros pessoais com que avalia seus *looks*, essa sensação de feminilidade se deu por conta da estampa floral e do uso dos brincos (argolas). Ela explica que com maior frequência se veste como na Figura 64, de moletom, calça *mom jeans* e tênis, mostrando ser uma forma mais “neutra” ou “sem definição” em relação ao gênero. Tamara comenta que em nenhuma ocasião ela usa salto alto ou sutiã, que esses itens estão fora de suas escolhas. Através desse relato, percebe-se um posicionamento de fundamento feminista libertário em relação aos itens sutiã e salto alto, pois entende-se que o primeiro é constituído de simbologia de pudor ao corpo feminino e o segundo de

sensualidade e sedução, ambos pertencentes a uma cultura que objetifica a mulher de forma sexual.



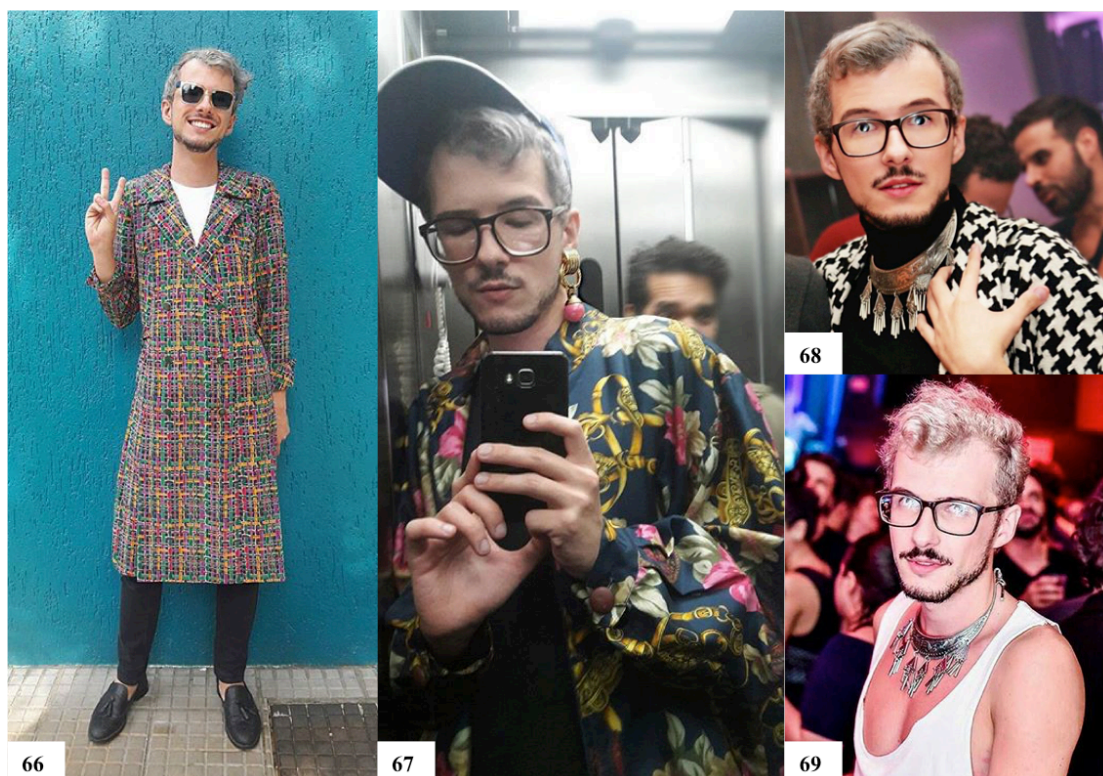
65

**Figura 65.** Entrevista 4 - Natália

#### **Entrevista 4**

Natália, 22 anos. Para ela, pensar sobre o gênero na hora de se vestir não é uma questão, pois se considera uma mulher feminina, o que fica claro para ela diante de suas escolhas, apesar de algumas vezes ter sido confundida com um menino dentro de banheiros públicos femininos. Ela acredita que essa confusão é causada pelo seu corte de cabelo, bem curto, que se aproxima da estética masculina. Natália comenta que pensar sobre gênero não é um assunto de seu maior interesse, mas que recentemente assistiu ao filme nacional “Mãe só há uma”(2016) e que gostou muito da forma como o tema foi abordado, o que a fez refletir sobre o assunto. Com base no

relato de Natália nota-se que apesar de ela se sentir como uma mulher feminina, traz uma noção de feminilidade já desconstruída em relação aos padrões estéticos pré-estabelecidos e absorvidos pela massa, pois a forma como estava vestida na ocasião da entrevista (a não ser pelo detalhe de seus sapatos Crocs com fechamento do tipo “boneca”, ou seja, femininos), o seu visual é facilmente lido como masculino: cabelos muito curtos, o uso de boné, jeans regular, nem justo e nem folgado, agasalho de marca esportiva, mochila, ausência de brincos e maquiagens, tudo em cores muito sóbrias. Apesar de se tratar de uma questão bastante íntima e subjetiva de Natália, ela não demonstrou atenção a essa importante diferença que sua estética traz, se mostrando bastante tranquila em relatar que, por vezes, foi confundida com um menino. Cabe explicar que isso não foi questionado a ela durante a entrevista, pois o objetivo desta análise não é expor sua falta de atenção ou interesse ao campo da estética, mas sim como sua ideia de construção visual do feminino é pensada de forma diferente da imposta pelo mercado. Também vale lembrar que esta é uma pesquisa de registros do campo visual e que as análises estão restrita apenas às questões identificadas no âmbito do olhar. Por isso as entrevistas foram bastante breves, a fim de apenas enriquecer as análises.



**Figura 66.** Entrevista 5 – Augusto  
**Figuras 67,68 e 69.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Augusto no Instagram.  
Fonte: @pazaugusto - Disponível em: <[www.instagram.com/pazaugusto](http://www.instagram.com/pazaugusto)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

### Entrevista 5

Augusto, 25 anos. Se mostra bastante determinado ao fazer escolhas livres de gênero: “Não encaro a roupa por gênero, pois para mim roupa é roupa e por isso não dou muita atenção para quem diz que aquela peça que eu gostei na loja é de mulher ou de homem. Se eu experimentei, me serviu e eu curti, não me faço de rogado e levo mesmo!”, diz Augusto durante a entrevista. Na Figura 66, ocasião do encontro, ele vestia um *trench coat* feminino. Todos os outros elementos do seu *look* são masculinos: uma camiseta branca, calça de alfaiataria preta, sapatos mocassim e óculos escuros. Ao perguntar sobre essa mistura do masculino e feminino no seu estilo de se vestir, ele diz: “Sempre gostei de me vestir para me diferenciar e este foi um mecanismo interessante nesse sentido”. Nas imagens selecionadas e extraídas do seu perfil do Instagram, percebe-se que Augusto faz uso frequente de acessórios femininos do tipo bijuterias, como maxi-brincos e colares, ao mesmo tempo em que são agregados elementos masculinos para contrabalancear o *mix*. Na Figura 67, observa-se maxi-brincos com pingentes de esferas rosas combinando com a estampa

jaqueta *bomber*, combinação sensível que remete aos anos 80 e se contrapõem aos óculos robustos e o boné. Nas figuras 68 e 69, Augusto usa um mesmo maxi-colar de duas formas, sobre uma gola alta e com uma regata bem decotada. Há um contraponto masculino parte das roupas, dos óculos robustos, barba e bigode crescidos e cabelo despenteado. Segundo o relato e o registros de Augusto, nota-se que sua opção por misturar as referências de gênero parte da sua vontade por diferenciação.



**Figura 70.** Entrevista 6 – Natália

### **Entrevista 6**

Natália, 20 anos. No momento da abordagem apresentava visual *streetwear*: calça jeans, tênis, camiseta, moletom de capuz sob a parka camuflada, mochila e óculos de acetato. Seus cabelos pareciam ter um corte masculino, pois eram raspados



na lateral e na nuca, mais longos ao topo da cabeça e estavam bem penteados para trás e fixados com gel, formando um topete. Esse tipo de corte entrou em moda recentemente, chamado de corte *pixie*, por conta de muitas celebridades terem aderido à moda. Anterior a essa onda, o corte já era característico da atriz Ruby Rose. Natália disse que não tinha nada em especial a dizer sobre como se veste, apenas que gosta de compor um visual nesse mesmo estilo e que sempre gostou de usar cabelos curtos. Não usa maquiagens ou brincos, apenas anéis.



**Figura 71.** Entrevista 7 – Tiago e Gabriel.

**Figura 72.** Gabriel usa delineador nos olhos, brinco na orelha direita e *piercing* no nariz

### Entrevista 7

Tiago, 18 anos, e Gabriel, 16 anos. São amigos e, ao comentarem sobre escolha de como se vestem, dizem que não se preocupam em seguir a moda, mas encontram inspiração de estilo observando as pessoas nas ruas e os próprios amigos com quem se encontram e conversam. Num primeiro olhar, um pouco distante e

despretensioso, a dupla não apresentava questões intrigantes a serem notadas em relação ao gênero. Como mostra a Figura 71, os dois se vestem de forma bem parecida, camiseta, bermuda, agasalho amarrado na cintura e tênis. Tiago e Gabriel usam referências de roupas que comumente são vendidas ao público masculino, dos segmentos *skatewear* e *surfwear*. Porém ao observar de forma mais aproximada na Figura 72, nota-se que Gabriel usa maquiagem na cor preta sobre as palpebras. O detalhe popularmente chamado de “gatinho” é feito com pincel delineador e acentua o canto dos olhos. Gabriel não usou outros artifícios de maquiagem para se produzir, mas usava alguns acessórios: brinco somente na orelha direita, na forma de argola pequena dourada, um *piercing* no nariz na forma de argola amarela flúor e um boné com a aba virada para trás. Tiago não apresentava muitos acessórios, somente um colar artesanal que portava uma pedra, e seu corte de cabelo era rapado nas laterais e na nuca. Ao topo da cabeça os fios eram mais longos e caíam sobre seu rosto como uma franja.



73

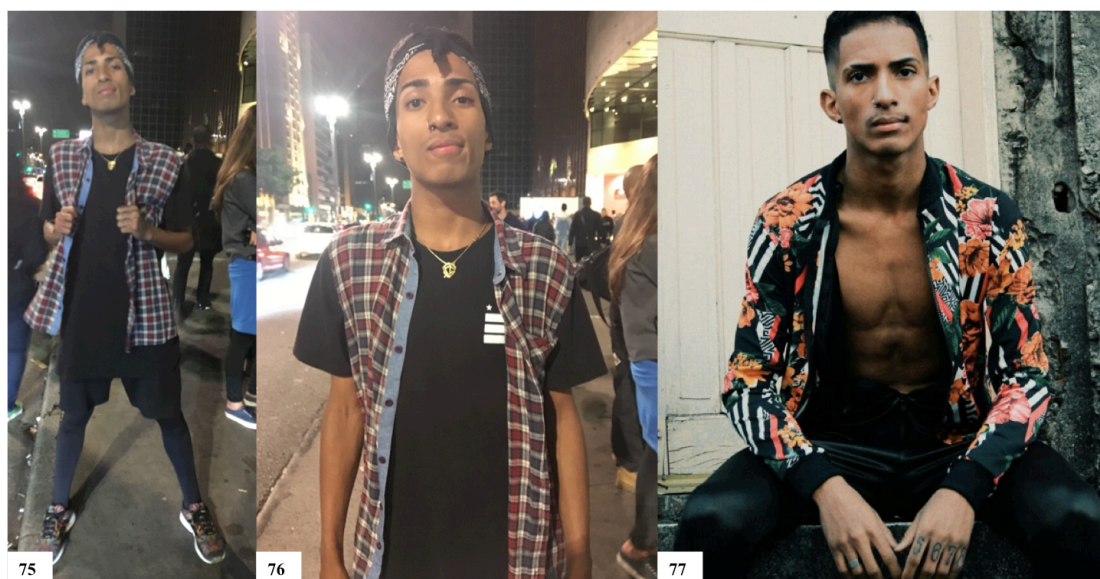


74

**Figura 73.** Entrevista 8 – Gabriel  
**Figura 74.** Gabriel usa piercing ornamentado no septo

## Entrevista 8

Gabriel, 19 anos. Na ocasião da entrevista, estava com um grupo de dança e juntos faziam uma apresentação coordenada com músicas pop na Avenida Paulista. Gabriel disse que gosta de se vestir pensando na dança. Vestia camiseta regata, calça *legging* com sobreposição de um lenço preto translúcido com detalhes dourados amarrado no quadril, parecendo uma saia, e calçava um tênis do tipo *streetwear*. Como acessório, usava um *piecing* no septo todo adornado que remetia à cultura indiana. Esse tipo de *piecing* foi usado pela cantora pop Rihanna em 2015 e virou febre desde então. A forma como Gabriel posa para a foto (ver Figura 73) dá a entender que é uma pose artística de dança e remete à performance de cantoras pop como Lady Gaga e Beyoncé. Assim, entende-se também que suas identificações de vestuário e comportamento são relacionada a esse meio.



**Figuras 75 e 76.** Entrevista 9 – Daniel.

**Figura 77.** Daniel veste jaqueta *bomber* da marca Reltilizando, de proposta sem gênero.  
Fonte: @umwildcat - Disponível em: <[www.instagram.com/umwildcat](http://www.instagram.com/umwildcat)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## Entrevista 9

Daniel, 22 anos. É dançarino e coreógrafo; escolhe roupas que produzem “efeitos” na dança. Gosta de fazer sobreposições de peças, como visto nas Figuras 75 e 76, tiradas na ocasião da entrevista. Vestia uma camiseta preta e, por cima, uma

camisa xadrez que teve as mangas cortadas, virando um colete. Vestia meia-calça por baixo da bermuda, ambos pretos; um pequeno alargador na orelha esquerda, *piercing* no nariz e uma corrente fina com pingente no pescoço. Diz que seu estilo *street* de se vestir está muito ligado ao tipo de dança que apresenta, chamada *street jazz*, além do fato de frequentemente se apresentar nas ruas. Durante a conversa, diz se sentir bastante livre para fazer suas escolhas independente de gênero. Na Figura 77, Daniel veste uma jaqueta *bomber* da marca Rertilizando com estampa bastante chamativa, que mistura grafismos e florais, e a camisa que veste por baixo está quase totalmente aberta, deixando seu corpo aparente. Em conversa via Instagram, o Relberth Rodrigues, criador e idealizador da marca Rertilizando, afirmou que não faz distinção de gêneros das roupas, fotografando e publicando ele mesmo os editoriais no perfil da loja.<sup>42</sup> Lá, encontram-se meninos e meninas vestindo essa mesma jaqueta *bomber*, com estampas diversas. Ainda na Figura 77, um detalhe interessante chama a atenção na mão direita da Daniel: nota-se a presença de tatuagem nos dedos, com a sequência “5,6,7,8”. Essa contagem é uma base comumente usada como uma preparação e coordenação para o início do exercício da dança/coreografia. Essa tatuagem revela que Daniel tem uma identificação muito forte com a dança.

---

<sup>42</sup> Cf. <<http://www.instagram.com/reutilizando>>. Acesso em 3 jun. 2017.

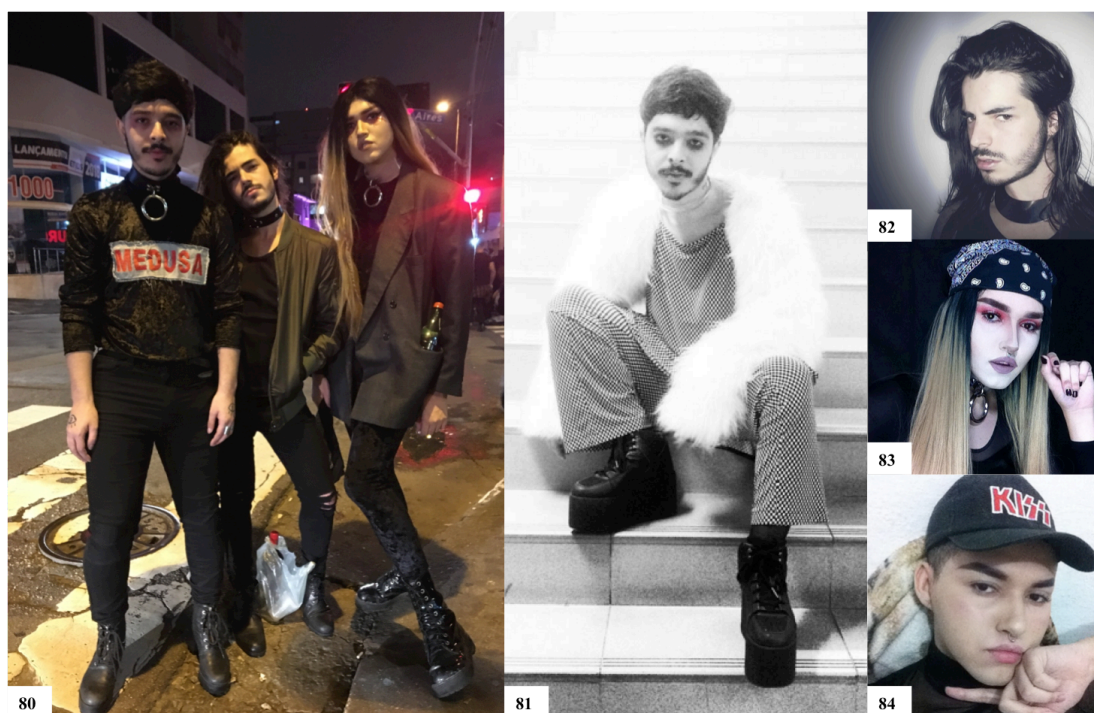


**Figuras 78 e 79.** Entrevista 10 – Larissa.

### **Entrevista 10**

Larissa, 19 anos. É dançarina e gosta de usar roupas confortáveis. Nas Figuras 78 e 79, fotos tiradas no dia do encontro, Larissa estava vestindo uma calça de sarja preta de modelagem regular, nem justa e nem muito solta, com um detalhe de rebites na boca do bolso da frente, e um agasalho de moletom com capuz. Como acessório, ela usava um boné rosa com a aba virada para trás e calçava tênis de estilo *streetwear*, com um cadarço diferenciado (bem largo e estampado). Não usava maquiagem e tinha brincos bem pequenos nas orelhas. Ao ser questionada sobre quais suas referências de inspiração de estilo de roupa, ela disse não saber responder e que normalmente seus amigos se vestem de forma parecida entre eles. Ao solicitar para registrar seu *look*, Larissa aceitou e imediatamente soltou seus cabelos (pois estavam presos como um rabo-de-cavalo na altura da nuca) e em seguida os colocou de lado e à frente do corpo como mostram as Figuras 78 e 79. Enquanto arrumava seus cabelos, Larissa tirou o boné, e então eu a solicitei para que ela não o tirasse pois ele tornava interessante a

composição total do *look*; ela respondeu que não tinha a intenção de tirá-lo, apenas o estava arrumando. Todo esse preparo para a foto, sua preocupação com o cabelo e a pose que escolheu para a foto, evidenciando seu boné, mostra que Larissa é uma menina vaidosa, que se importa com sua aparência e em ser bem vista. Apesar do visual estético das suas roupas não ser o tradicional feminino imposto como padrão pela sociedade, sua feminilidade é facilmente notada através dos gestos de cuidado com o cabelo e com a sua aparência de forma geral. Além disso, seu boné na cor rosa sugere que ela seja uma menina delicada e que preserva sua identidade feminina.



**Figura 80.** Entrevista 11 – Jeff , Victor e Mia (na ordem da foto).

**Figuras 81.** Imagem extraída de fotos do perfil de Jeff no Instagram.

Fonte: @pachecojeff - Disponível em: <[www.instagram.com/pachecojeff](http://www.instagram.com/pachecojeff)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

**Figuras 82.** Imagem extraída de fotos do perfil de Victor no Instagram.

Fonte: @ideophasia - Disponível em: <[www.instagram.com/ideophasia](http://www.instagram.com/ideophasia)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

**Figuras 83 e 84.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Mia no Instagram.

Fonte: @supremebrunno - Disponível em: <[www.instagram.com/supremebrunno](http://www.instagram.com/supremebrunno)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## Entrevista 11

Jeff, 23 anos, Victor, 22 anos, e Mia, 19 anos. São amigos. Na Figura 80, ocasião da abordagem, estavam caminhando pela rua. Jeff vestia uma blusa de veludo com um *patch* aplicado que trazia a palavra MEDUSA, uma marca de roupa paulistana, calça preta *slim fit* e botas do tipo coturno com salto médio. Como acessório, Jeff usava um colar de couro do tipo *choker* com uma argola fixada ao centro, um tipo de acessório que remete à estética erótica de fetichismo, e ainda usava anéis robustos nos dedos da mão esquerda. Além disso, usava sombra de tom avermelhado em volta dos olhos (não somente nas pálpebras mas em todo o contorno). Victor (ao meio) usava o mesmo tipo de *choker* de couro como acessório, jaqueta *bomber* verde escura, camiseta preta, calça com rasgos no joelho também preta e coturno preto de salto baixo. Seus cabelos estavam soltos e não usava maquiagem. Mia também usava uma *choker*, porém a sua era feita de um material plástico transparente, e apresentava o mesmo tipo de argola típica de acessórios de fetichismo erótico fixada ao centro. Vestia um blazer masculino, calça *legging* de veludo preta e coturno preto de salto alto plataforma. Sua maquiagem era bastante carregada e seus cabelos eram próteses de comprimento alongado até a altura da cintura. As figuras na lateral mostram imagens de momentos extraídos do Instagram de cada um. Na Figura 81, Jeff usa bota de salto alto plataforma, *choker* metálica, um conjunto de blusa e calça estampados e um casaco de pelo branco. Na Figura 82,, Victor é visto usando *choker* também metálica. Nas Figuras 83 e 84, Mia aparece em dois momentos: na Figura 83, está bem produzida com maquiagem de sombra vermelha, *choker* de couro e bandana preta; já na Figura 84,, está sem a prótese capilar, deixando à mostra seus cabelos naturais raspados sob o boné com o logo da banda KISS e a maquiagem bem sutil. Com uma pequena análise do perfil de Mia no Instagram, percebe-se que possui duas identidades: uma masculina (Brunno) e uma feminina (Mia); e que recebe de seus seguidores elogios respectivamente por essas identidades, de acordo com a foto que publica: “lindo” ou “linda”, por exemplo. No caso da Figura 84, recebeu elogios flexionados para o masculino como: "lindo", "deuso" e "maravilhoso". De forma geral os amigos possuem um identidade de grupo, pois nota-se que possuem muitos signos em comum: usam os mesmos tipos de *chokers* e coturnos, além da predominância da cor preta das roupas e de materiais das peças (o veludo preto era algo em comum entre Jeff e Mia no dia do encontro, por exemplo). A questão da quebra de estereótipos de gênero é algo presente nas suas

estéticas, pois misturam referências masculinas como barba e bigode (Jeff e Victor) com referências femininas, como maquiagem (Jeff e Mia) , cabelos longos (Victor e Mia), saltos altos (Jeff e Mia) e coleira *choker* (Jeff, Victor e Mia). Esse último item figura como um acessório de natureza sem gênero pré-estabelecido, levando em consideração seu uso originalmente funcional erótico e fetichista, cabendo tanto ao corpo da mulher ou do homem.



**Figuras 85 e 86.** Entrevista 12 – Eric.

**Figura 87.** Imagem extraída de foto do perfil de Eric no Instagram

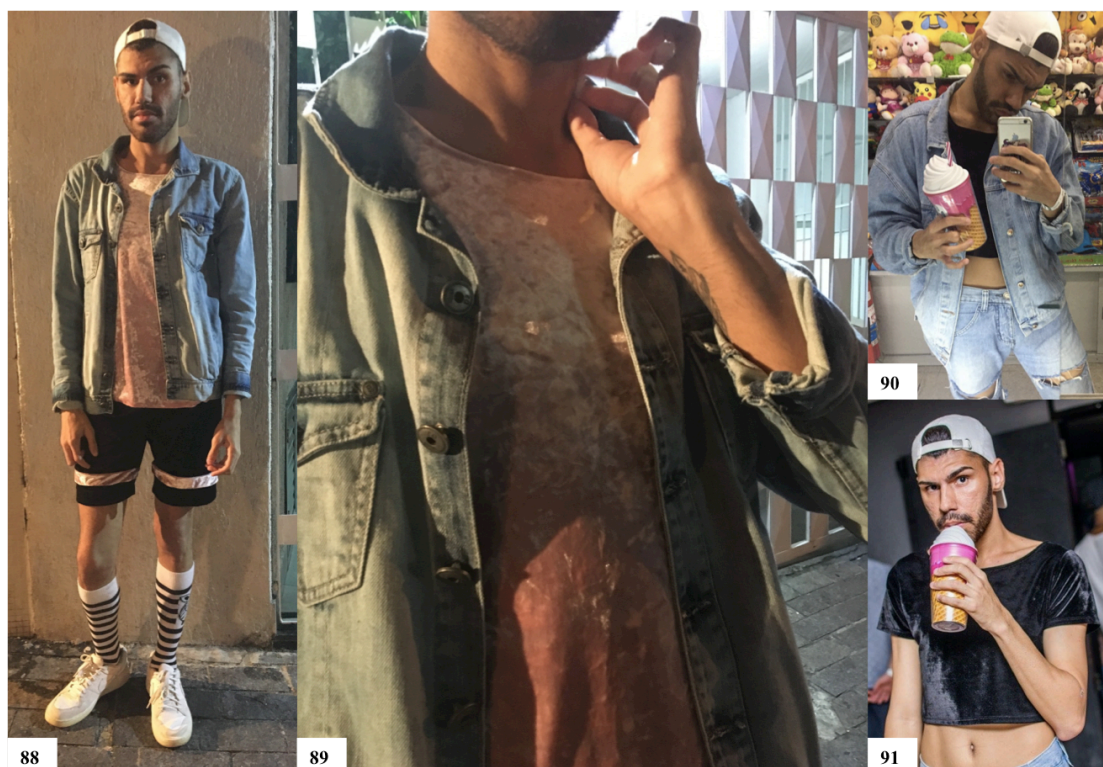
Fonte: @xd\_eric - Disponível em: <[www.instagram.com/xd\\_eric](http://www.instagram.com/xd_eric)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## **Entrevista 12**

Eric, 18 anos. Durante a entrevista, Eric se mostrou bastante engajado no tema abordado e compartilhou seu conhecimento e opinião de forma bastante clara sobre a questão da construção da identidade. Disse que sua identidade é “negra, *queer*, gorda e periférica” e que, diante de todos os preconceitos que sofre, vê muita importância nas interseccionalidades das lutas por direitos LGBT, pelo fim do racismo e pela quebra de padrões de estereótipos em geral. Comentou que frequenta a Casa Judith com seus amigos e que lá são compartilhados muitos conhecimentos sobre esse assunto. Também comentou que aprende muito através de informações encontradas na *web*. Na ocasião da entrevista, como mostram as Figuras 85 e 86, Eric estava



usando um casaco *college* preto, camiseta preta, bermuda jeans, tênis casual *retro* com meia média. Seu cabelo mesclado nos tons de roxo e lilás, longo e trançado no estilo afro, foi o que mais me chamou atenção. As tranças saem do topo da cabeça e nas laterais e nuca os fios são cortados bem curtos e descoloridos, de cor amarela. Como acessórios, Eric usava um alargador na orelha esquerda e dois colares de correntes grossas no pescoço. Na Figura 87, Eric usa um *look* mais “feminino”, com top *cropped* mostrando o corpo, kimono sobreposto, bermuda ampla, de cintura alta do tipo alfaiataria com pregas fêmeas frontais e usava as mesmas correntes no pescoço. Nesse dia, os cabelos de Eric estavam curtos, sem as tranças, porém ainda possuía cor roxa no topo e amarela nas laterais. Analisando os dois momentos de Eric, pode-se entender que o cabelo e as roupas são contrabalanceados a fim de criar uma harmonia entre a identidade feminina e masculina. Nas Figuras 85 e 86, o cabelo longo trançado tem apelo feminino e as roupas, apelo masculino. Na Figura 87 acontece o oposto: o cabelo cortado está numa versão masculina e as roupas mais femininas. Sobre as suas referências de estilo e comportamento, ele citou o *rapper* Rico Dalasam e também indicou uma festa que frequenta com os amigos e amigas chamada Batekoo, que tem como alvo o público dos gays, lésbicas, travestis e transexuais negros de São Paulo. Lá, ele e os amigos se sentem muito à vontade, pois se veem livres de julgamentos.

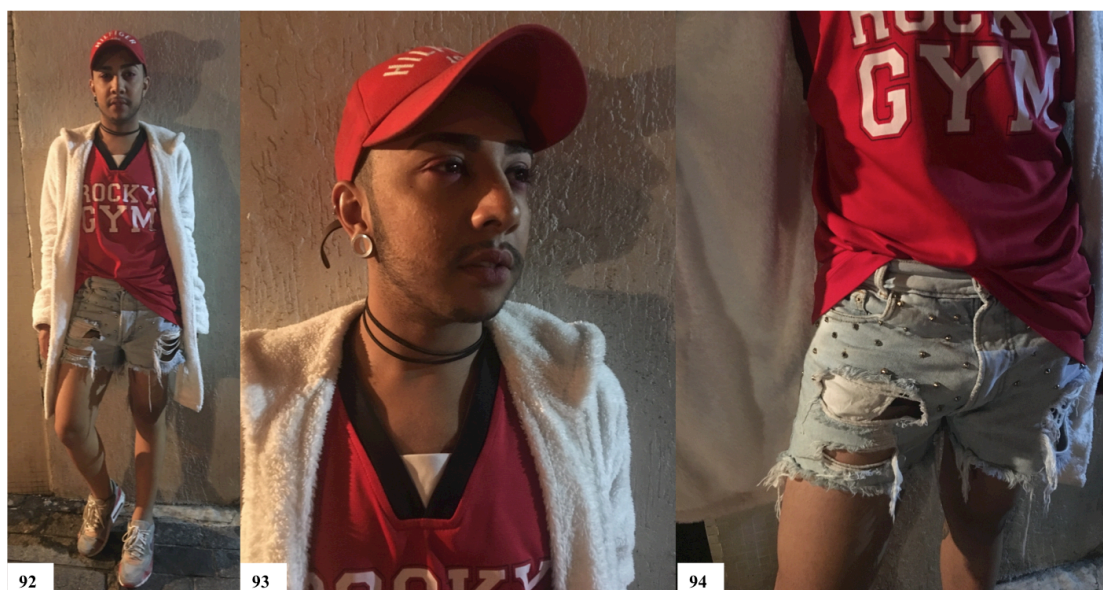


**Figuras 88 e 89.** Entrevista 13 – Wesley.  
**Figuras 90 e 91.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Wesley no Instagram,  
Fonte: @wesley\_grt - Disponível em: <[www.instagram.com/wesley\\_grt](http://www.instagram.com/wesley_grt)>. Acesso em: 3 jun.  
2017.

### Entrevista 13

Wesley, 22 anos. Se interessa muito por moda e disse que ultimamente tem apostado nas peças de veludo, pois estão em alta. Na foto, ele veste um conjunto bicolor de camiseta rosa claro e short preto com faixa rosa claro, ambos de veludo. Por cima, usa uma jaqueta jeans tom claro, calça tênis casual branco e meias longas listradas em branco e preto com desenho de uma zebra na lateral. Como acessório, Wesley usava um boné branco com a aba virada para trás. As Figuras 90 e 91 mostram Wesley em outras ocasiões usando o mesmo boné, colocado da mesma forma. As figuras também mostram ele usando uma camiseta de veludo preta de comprimento *cropped*, deixando o abdômen à mostra. Por cima da camiseta, usava uma jaqueta jeans claro, no mesmo tom da calça jeans regular, com rasgos na altura das coxas e joelhos. Percebe-se que o veludo, apesar de o inverno ainda não ter chegado até o momento, é um material que já se encontra nas vitrines de coleções de Inverno 2017 e que já invade as ruas com a aproximação da estação, visto que na Entrevista 11 Jeff e Mía também o usavam (ver Figura 80). Isso confirma o interesse

do público entrevistado em seguir as tendências de moda, ainda que caiba destacar que o veludo vem sendo massivamente aplicado a produtos voltados para o público feminino. Nessa estação, o material pode ser facilmente encontrado em roupas, calçados e acessórios em vitrines de lojas femininas nos shoppings da cidade, bem como no centro comercial de vestuário do bairro Bom Retiro, por exemplo. Entretanto, podemos imaginar que o público entrevistado nesta pesquisa consuma roupas de marcas alternativas, que não atendem a um volume massivo de vendas e que aplicam o material de forma mais abrangente ao público, sem distinção de gêneros nas roupas. Não se pode excluir, também, a possibilidade de que essas roupas sejam de marcas tidas como exclusivamente femininas e que as peças escolhidas sejam de tamanhos e formas ideais e convenientes para as propostas que desejavam. É o que se vê nas Figuras 88 e 91, em que as peças aparentam ter boa acomodação e caimento no corpo de Wesley (conjunto bicolor e camiseta *cropped* preta), na Figura 80 (blusa de Jeff e calça *legging* de Mia) e na Figura 87 (top *cropped*, kimono e bermuda de alfaiataria de Eric). A presente pesquisa, contudo, não teve como objetivo investigativo a forma que o consumo de moda do público em foco se dá, com intuito de apontar onde e como compram suas roupas, mas sim de detectar através do olhar a questão intrigante da ampla diversidade de corpos que vestem roupas “sem gênero”. Não só os corpos em questão mas os de todos os seres humanos estão sujeitos a serem enquadrados num padrão de fabricação imposto pela indústria de moda (isto é, uma modelagem padrão masculina e feminina). Essas novas formas de moda livres de regras de gênero que preenchem as ruas, ao subverterem os gênero das roupas, também subvertem esses padrões de medidas das modelagens e, conseqüentemente, os estereótipos de gênero em geral.



Figuras 92, 93 e 94. Entrevista 14 – Alex Sandro.

#### Entrevista 14

Alex Sandro, 17 anos. Disse que, ao se vestir, gosta de criar um visual “desconstruído”. Em entrevista, foi muito claro e direto ao afirmar que estava na moda entre os amigos em relação às roupas que usam para sair aos finais de semana: usam tênis bem confortáveis para “aguentar” a noite toda, roupas misturando feminino e masculino, maquiagem com destaque colorido nos olhos, ou então somente base e pó na cor da pele, criando um visual “sem maquiagem”. Como mostra a Figura 92, na ocasião da entrevista, Alex Sandro usava uma camiseta vermelha esportiva que se assemelha a um uniforme de basquete, de tamanho “grande”, como normalmente é usada pelos jogadores. Para melhor ajustar e criar estilo, parte da camiseta foi colocada para dentro do short jeans. O short tinha forma ampla ao corpo, detalhes de rasgos *destroyed* e rebites de *strass*, como mostra a Figura 94. Alex Sandro disse que comprou o shorts na seção feminina de uma loja. Também usava um casaco comprido de pelo branco com capuz e tênis casual. A Figura 93 mostra que Alex Sandro usava sombra rosa pink, e lápis preto contornando os olhos. Como acessórios, usava boné vermelho, combinando com a camiseta, alargador e *piercing* na orelha direita e colar *choker* com duas tiras de couro. Ao ser questionado sobre o que ele havia proposto como “desconstrução” para o *look* daquele dia, indicou a camiseta esportiva como referência masculina, combinando com shorts curto feminino, além da composição de maquiagem com barba e bigode. Uma observação

interessante é que Alex Sandro fazia depilação total das pernas. Apesar de ele não ter comentado nada a respeito, a ausência de pelos dessa parte do corpo pode ser entendido como um código feminino da sua “desconstrução”.



**Figura 95.** Entrevista 15 – Bernardo.

**Figura 96.** Bernardo mostra suas unhas compridas.

### **Entrevista 15**

Bernardo, 20 anos. Gosta de se vestir como se sente bem. Em suas palavras, seu visual pode ser de “garoto ou garota”, pois se identifica com os dois. Na ocasião da entrevista, como mostra a Figura 95, ele estava vestindo um moletom preto *cropped*, mas não mostrava o corpo, apenas o cós da calça jeans. A calça era do tipo *mom jeans*, estilo anos 90. Usava ainda meia alta preta alta e tênis *streetwear* preto.

Na Figura 96, Bernardo mostra suas unhas compridas, pintadas com esmalte de cor *nude* (tom da pele). Sobre a maquiagem, disse que havia feito somente a “pele”, usando bases, corretivos e pó e, sobre o cabelo,, disse que ultimamente o tem deixado bem curto e descolorido. Bernardo compartilha da mesma ideia de Alex Sandro: gosta de passar um visual “desconstruído” e, por isso, sempre mantém a sua barba e bigode como signo de masculinidade, em conjunto com produções de maquiagem, sendo esse um signo de feminilidade. O mesmo serve para as unhas bem compridas, signo feminino a ser contrabalanceado em *looks* que tendem ao masculino. Ao final, Bernardo comentou que frequenta muitos locais e festas voltadas ao público LGBT em São Paulo: Loca, Hangover, Flexx, Greedy, Ressaca, 1007, Mono, Bug! (no Espaço Desmanche), Selva, Cantho, Freedom, Terraço e Bofetada Club. Ele complementou afirmando que, de fato, há um comportamento de moda específico desse público, que pretende quebrar as “regras” de gênero.



**Figuras 97 e 98.** Entrevista 16 – Jean (Ludmilla Carter).

**Figuras 99 e 101.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Ludmilla Carter no Facebook.

Fonte: Facebook - Disponível em: <[www.facebook.com/jeancarlos.teixeira.378](http://www.facebook.com/jeancarlos.teixeira.378)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## Entrevista 16

Jean, 22 anos. Ao se apresentar como Jean, em dado momento disse que também é Ludmilla Carter, sua identidade *drag*. Gosta de sair de forma bem confortável, mas sempre faz maquiagens bem produzidas. Na ocasião da entrevista (Figura 97), Jean vestia uma camiseta branca com mini estampas *paisley* (padronagem tradicional persa) e uma bermuda cinza igualmente estampada, com padrões em escala mini de desenhos diversos. Calçava tênis que se assemelhavam a botas de cano curto na cor preta. Como acessórios, Jean usava uma *choker* de nylon bem aderente ao pescoço, daquelas que imita uma tatuagem tribal, diversas pulseiras no pulso direito e um alargador bem pequeno na orelha direita. Sua maquiagem era bem trabalhada, com aplicação de efeitos de luz através de uma sombra dourada metalizada e de *glitter* no canto dos olhos. Também usava um batom vermelho com efeito de *gloss* e seu cabelo parecia ter cachos modelados. Ao falar sobre conforto, Jean disse não gostar de usar salto alto e, mesmo quando está vestindo sua identidade *drag* Ludmilla, prefere calçados baixos. A Figura 99 mostra Ludmilla vestindo uma roupa que se assemelha a uma *lingerie*, usando prótese de cabelos longos, colares, brincos e maquiagem bem marcada. O seu perfil do Facebook é identificado pelo nome *drag*, Ludmilla Carter, mas também se encontram fotos de Jean em momentos diversos, não só como Ludmilla. É o caso da Figura 100, na qual ele se mostra com um visual parecido ao que usava no dia da entrevista: camiseta com mini estampas, bermuda, *choker* e maquiagem. Através dessa pequena análise, nota-se que Jean, apesar de demonstrar sua feminilidade bastante marcante através da sua vaidade na produção de cabelo e maquiagem, não mantém o mesmo apelo feminino nas roupas e calçados que usa (camiseta, bermuda e tênis), ficando esse apelo reservado apenas quando é Ludmilla. Esse descompasso entre a beleza extravagante feminina e vestuário básico/neutro que usa enquanto é a identidade Jean pode ser considerada uma quebra de padrão de estereótipo de gênero, pois, visto que possui uma identidade *drag*, se espera que Jean sempre use produções extravagantes nos moldes de sua maquiagem.



**Figuras 101 e 102.** Entrevista 17 – Giovanna.

### **Entrevista 17**

Giovanna, 16 anos. Ao falar do seu estilo de se vestir, se abre em tom divertido: “Minha mãe sempre fala que sou muito 'sapatão' e que preciso parar de comprar na sessão masculina.” Giovanna afirma que, por vezes, tenta comprar na sessão feminina mas acaba se interessando por peças masculinas. Ela disse que seu interesse foi despertado devido à grande dificuldade que tinha em encontrar peças ideais para o seu corpo na sessão feminina. Explica que, pelo fato de ser alta e magra, as calças femininas disponíveis nas lojas ficam muito curtas; as que tem um comprimento adequado ficam muito grandes o que também se passa com camisetas. Ao perceber que as peças masculinas lhe cabiam melhor, passou a explorar mais a sessão. Ela completa dizendo que sempre busca peças que não tenham estereótipo muito masculino, mas uma estética unissex. Giovanna diz que, se ocasionalmente escolhe uma peça muito “masculina”, costuma personalizá-la com algum detalhe ou ajuste que quebre essa estética, mas mesmo assim sua mãe se incomoda com o fato de ter sido comprada na sessão masculina. Na Figura 101, na ocasião da entrevista, todos os itens que Giovanna vestia foram comprados na sessão masculina: jaqueta jeans, camiseta, calça de sarja preta e sapatênis. Destacou que escolheu comprar essa jaqueta



jeans que vestia na foto pelo fato de ela ter detalhes de *patches* aplicados, que, segundo ela, quebrou a estética masculina da peça, tornando-a mais compatível com seu gosto. Como único acessório que usava no dia, Giovanna mostra na Figura 102 um colar artesanal que portava uma pedra. Nesta breve análise sobre as escolhas de Giovanna, pode-se entender que sua opção em usar roupas masculinas foi guiada por uma necessidade em adequar seu corpo às peças disponíveis no mercado. Por hábito, passou a se interessar mais pelo segmento masculino, mas não ignora por completo sua feminilidade, já que opta por comprar peças que tenham caráter unissex. Através da forma espontânea e pelo tom da fala de Giovanna, parecia que o fato de ela usar roupas masculinas não a incomodava, e que também não era um problema grave para a sua mãe, pois disse que costumam sair para comprar roupas juntas. Esse relato revela que Giovanna tem grande liberdade para escolher suas roupas independente dos padrões de estereótipo de gênero impostos. Sobretudo, revela que Giovanna é, nesse sentido, livre de pressões familiares (ainda que sua mãe a chame atenção), elemento que muitas vezes é o fator limitante das escolhas de jovens em fase de buscar por identidades e assim construir suas identidades. Ao mesmo tempo, a liberdade de Giovanna também a permite subverter os padrões impostos nas roupas, pois, ao fazer adaptações e personalizações, ela subverte as regras de gêneros e de medidas corporais, modificando, a seu modo, padrões.

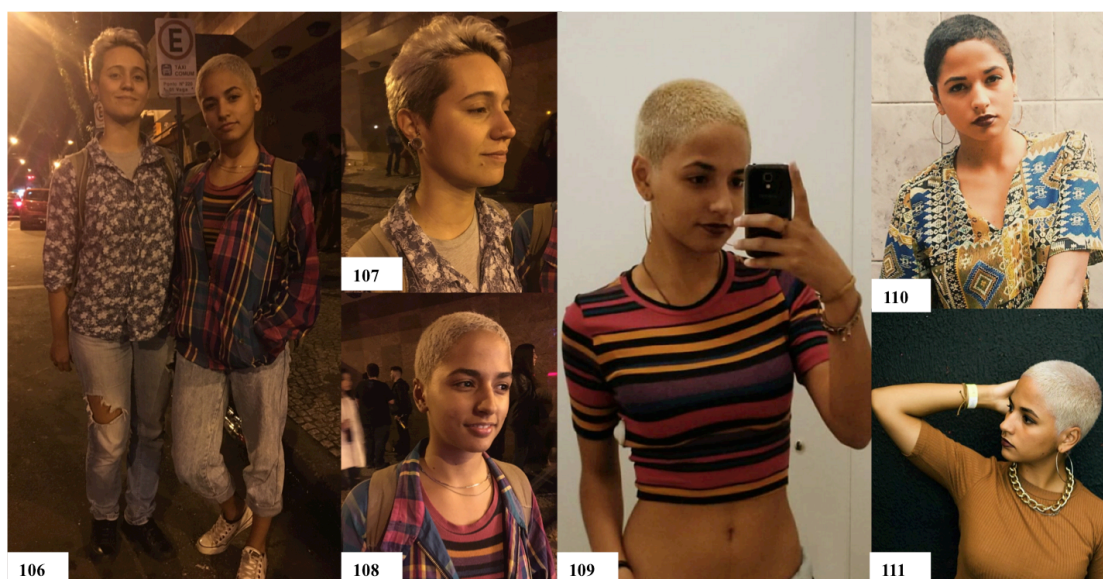


Figuras 103, 104 e 105. Entrevista 18 – Gabriella.

### Entrevista 18

Gabriella, 22 anos. É tatuadora e a forma com que constrói sua apresentação visual tem total relação com o meio no qual trabalha. A linguagem criada através do vestuário e modificações corporais deixa bastante clara sua intenção de comunicar seu *lifestyle*. Costuma usar roupas pretas, compradas em lojas/sessões masculinas, mas afirma que se sente como uma mulher e feminina e que sua opção por roupas masculinas é uma questão de estilo. Gabriella justifica sua escolha dizendo que gosta de usar camisetas mais “compridas”, como pode ser visto na Figura 103. No momento do encontro, o comprimento da sua camiseta atinge a altura do quadril. A calça que vestia também esclarece ser de linha masculina. Gabriella possui muitas tatuagens e deixava à mostra os desenhos nas mãos, braços, colo, pescoço e no rosto. Como mostrado na Figura 105, acima da sobrancelha esquerda tem tatuada a palavra “Resistência”. Além da tatuagem,, também possui dois *piercings* microdermais na região das bochechas em forma de pedras brilhantes. Na Figura 104, mostra um alargador na orelha direita e um *piercing* próximo à boca. O cabelo, raspado nas laterais e na nuca, era mais alongado na parte de cima e estava modelado formando um “topete” inclinado para frente. Na lateral direita, apresentava um desenho navalhado chamado de *hair tattoo*, formando duas linhas paralelas. Analisando a linguagem visual com a qual Gabriella se apresenta, nota-se muita coerência entre as suas referências da cultura urbana e o seu *lifestyle* como tatuadora. Sobre as

referências de gênero, pode-se dizer que, apesar de Gabriella usar roupas tidas como masculinas, ela também acrescenta detalhes de caráter feminino como os *piercings* brilhantes nas bochechas, e também a *hair tattoo* na lateral do cabelo, visto que esse tipo de corte virou febre recentemente como uma moda de grande aceitação do público feminino, uma onda consequente da febre dos cortes *sidecuts* e *undercuts*, que são raspados na lateral e nuca respectivamente.<sup>43</sup>



**Figuras 106, 107 e 108.** Entrevista 19 – Bárbara e Ana.  
**Figuras 109, 110 e 111.** Imagens extraídas de fotos do perfil de Ana no Facebook.  
Fonte: Facebook - Disponível em: <[www.facebook.com/anaguerra.ag](http://www.facebook.com/anaguerra.ag)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

### Entrevista 19.

Bárbara, 22 anos, e Ana, 20 anos. As duas amigas passeavam juntas na ocasião do encontro. A Figura 106 mostra que se vestiam de forma parecida: Bárbara vestia camisa de padronagem floral e calça jeans regular de tom claro. Ana vestia jaqueta de padronagem xadrez e calça jeans com modelagem um pouco mais solta ao corpo, também em tom claro e com a barra enrolada até o meio da canela. As duas calçavam tênis casual, carregavam mochilas e não usavam maquiagens. Tinham os

<sup>43</sup> Cf. matéria sobre a moda *sidecuts* e *undercuts* no site All Things Hair, disponível em : <<https://www.allthingshair.com/pt-br/penteados-cortes/cabelo-curto/cabelo-raspado-feminino/>>. Acesso em 3 jun. 2017.

cabelos bem curtos e descoloridos para o tom de loiro, como mostram a Figura 107 (Bárbara com o corte bem curto nas laterais e nuca e mais alongados em cima) e a Figura 108 (Ana com o cabelo raspado por completo). Também nas imagens, nota-se o uso de acessórios: Bárbara usa um alargador, uma argola e um *piercing* no tragus da orelha direita (Figura 107) e Ana usa dois colares de correntes finas (Figura 108). Observando Ana em outros momentos, através das Figuras 109, 110 e 111, nota-se que, apesar de sua apresentação visual na ocasião da entrevista mostrar o discreto uso de acessórios e a ausência de maquiagem, ela tem o hábito de usar brincos do tipo argolas grandes, colar de corrente robusta e maquiagem. Porém, por algum motivo pessoal e identitário, ela optou por não se apresentar assim naquela ocasião. Essa análise comparativa indica que Ana, apesar da linguagem visual de pouco apelo feminino, transmitida no dia do encontro, em outros momentos é uma menina vaidosa e que costuma usar artifícios tidos como femininos para se produzir, como brincos, pulseiras, maquiagens e roupas sensuais. A sensualidade pode ser identificada na Figura 109, a qual mostra Ana usando uma blusa *cropped* (que parece ser mesma usada por baixo da jaqueta xadrez no dia do encontro), deixando sua barriga à mostra. O corte de cabelo de Ana, completamente raspado e descolorido, pode ser reflexo de uma tendência de beleza, visto que Bernardo (Entrevista 15) e Tamara (Entrevista 3) usam cortes muito semelhantes. O mesmo pode ocorrer com o corte de Bárbara, visto que Natália (Entrevista 6) e Gabriella (Entrevista 18) também usam o mesmo corte, muito curtos nas laterais e nuca, e alongados na parte de cima -- o chamado corte *pixie*, inspirado nos anos 60 que voltou recentemente à moda.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Cf. matéria sobre o corte *pixie* no site All Things Hair, disponível em: <<https://www.allthingshair.com/pt-br/penteados-cortes/cabelo-curto/corte-pixie-7-opcoes-de-penteados-e-como-faze-los/>>. Acesso em: 3 jun. 2017.



**Figuras 112, 113.** Entrevista 20 – Natália e Mariana (na ordem da foto).

### **Entrevista 20**

Natália, 23 anos, e Mariana, 25 anos. São namoradas e, ao serem indagadas sobre a forma como se vestem, disseram que só usam roupas tidas como femininas e que somente compram de lojas/marcas/sessões voltadas para esse público. Imediatamente depois da resposta ocorre uma pequena discussão em tom de brincadeira. Natália acusa Mariana: "Mas ela é mais homem do que eu!". Em seguida Mariana rebate: "Eu? Você que é!" e deram risada uma da outra. Essa rápida conversa, com destaque para a brincadeira espontânea, deixa claro que a questão da linguagem visual através do vestuário, que decifram códigos de gênero, é algo conversado entre elas. Curiosamente, as duas se vestiam de forma muito semelhante, o que torna a brincadeira de acusações entre elas ainda mais interessante. Conforme mostra a Figura 112, Natália veste um colete *puffer* preto sobre uma camiseta longa, calça *skinny* preta, tênis *skatewear* e boné. Mariana segue o mesmo estilo, vestindo uma jaqueta *puffer* preta com detalhe de pelo na gola; calça *skinny jeans*, tênis *skatewear* e boné. A Figura 113 mostra que os dois bonés eram do mesmo estilo e

estampados de forma parecida. Ambas usavam maquiagem elaborada, sendo nítido o uso de base, rímel e blush durante a entrevista. Seus cabelos eram bem escovados ou até alisados com prancha, pois estavam muito bem alinhados. Natália estava sem batom, mas Mariana usava um brilho *gloss* transparente. Ambas não usavam brincos e somente Mariana usava um colar de corrente bem fina dourada. Através da rápida conversa e análise visual do casal, ficou claro que elas assumem suas feminilidades ao seus modos e de forma identitária. Possivelmente, têm consciência de que, apesar de serem bem vaidosas, não correspondem a todos os códigos do padrão de beleza feminina pré-estabelecido a ponto de serem classificadas como “mulheres, hétero e femininas”, e nem aos códigos de estereótipos de gênero, que presumem que lésbicas são masculinizadas, e talvez isso justifique a brincadeira que fizeram durante a entrevista.



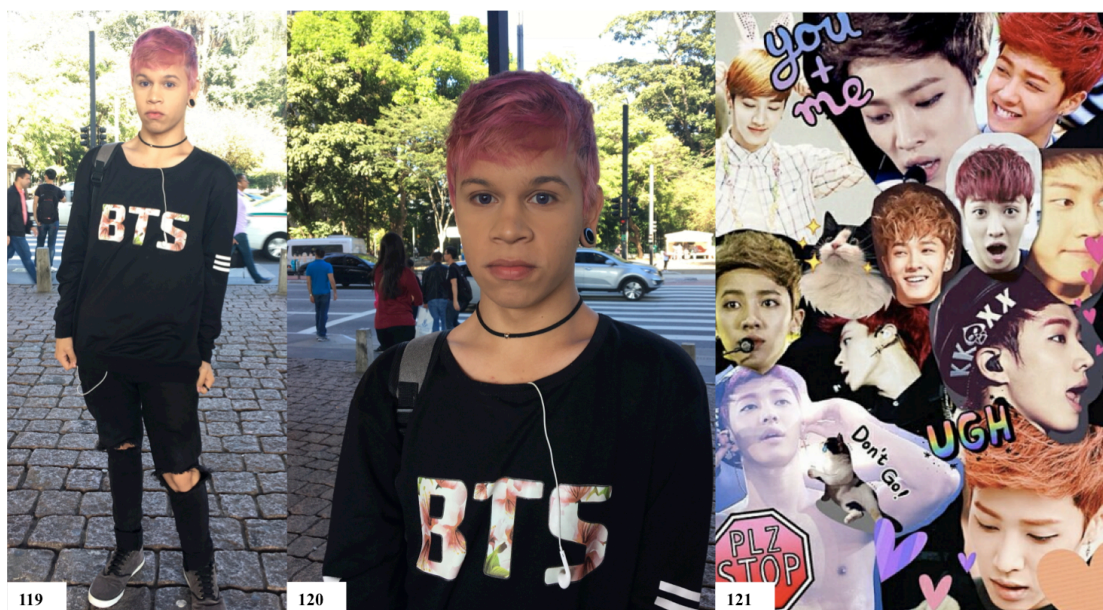
**Figura 114.** Entrevista 21 – Samuel e Emanuel Victor (na ordem da foto).  
**Figuras 115, 116 e 118** – Cabelo, barba, bigode e unhas pintadas.  
**Figura 117** – Imagem extraídas de fotos do perfil de Samuel no Instagram  
 Fonte: @venusdesamer - Disponível em: <[www.instagram.com/venusdesamer](http://www.instagram.com/venusdesamer)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

### Entrevista 21

Samuel, 24 anos, e Emanuel Victor, 24 anos. São amigos e, ao falarem sobre o estilo de se vestirem,, disseram que gostam de se inspirar em movimentos de vanguarda dos anos 80, com referências na cultura *punk*, *dark* e do rock em geral, com adição de toques pessoais de cada um. Para eles a roupa não tem gênero e por isso exploram as peças de forma livre. Como mostra a Figura 114, Samuel veste uma jardineira preta de calças amplas, parecendo saia, com ajuste de cordão na cintura. Por baixo, vestia uma blusa de gola alta preta; por cima um blazer comprido preto e calçava tênis. Emanuel igualmente vestia uma blusa gola alta, mas a sua era azul marinho e de malha canelada. O blazer era marrom e a calça *chino* era cinza com as barras viradas. Na cintura havia ajuste feito com um cordão, igualmente ao ajuste da jardineira de Samuel. Emanuel usava também um chapéu e sandálias com meias, todos pretos. Na Figura 115, é possível notar que o cabelo de Samuel era raspado nas laterais e suas sobrancelhas, barba e bigode eram descoloridos do mesmo tom loiro de

seu cabelo. Na Figura 116, Samuel mostra suas unhas pintadas na cor prata metálico e também seu *piercing* no septo. Na Figura 118, as mãos de Samuel e Emanuel mostram que os esmaltes de suas unhas têm aspecto deteriorado, como se tivessem sido pintados a muito tempo e por isso já estariam “descascando”. Disseram que gostam desse aspecto decadente e que o deixam assim por tempo suficiente, até que a cobertura saia por completo. Além dos esmaltes, também usavam maquiagem, ressaltando, contudo, que a usam para parecer um homem e não uma mulher, sendo apenas para melhorar o aspecto da pele. Comentaram que frequentam locais como Centro Cultural Zapata, Loca, Casa da Luz e D-Edge. A Figura 117 mostra Samuel em outra ocasião vestindo camiseta preta e saia com prega fêmea, ambas pretas. Usa várias correntes como colar, sendo que uma delas liga sua orelha ao seu *piercing* no septo e em seguida cai sobre o corpo como um colar. Esse tipo de acessório pode ser uma referência à cultura *punk* (como foi comentada a sua influência e inspiração), mas também é uma característica comum à cultura das joias indianas, às quais marcas importantes fizeram referências em desfiles e editoriais de moda, como Givenchy (*Fall Winter 2015*), Chanel (*Pre-fall 2012*) e Asish (*Fall Winter 2012*). Além da ligação orelha-nariz, outras versões como o *body chain* (colar-cinto) e o *hand chain* (anel-pulseira), também de origem indiana, foram muito usados pelas cantoras pop Rihanna e Beyoncé, tornando esses acessórios objetos de desejo. A observação revela que essa forte tendência ainda surte efeitos nas ruas de São Paulo, visto que Gabriel (ver Entrevista 8) também foi fotografado usando um acessório de mesma referência estética (ver Figura 74). Com base na observação do visual da dupla como um conjunto, nota-se que estão coordenados quanto às escolhas: blusa gola alta, cordão de ajuste na cintura e o estado deteriorado dos esmaltes. Parecem que estão no mesmo *mood* de inspiração. Além disso,, a questão das cores muito sóbrias e escuras remete claramente à cultura *dark* e *punk*, mencionadas como inspiração dos dois.





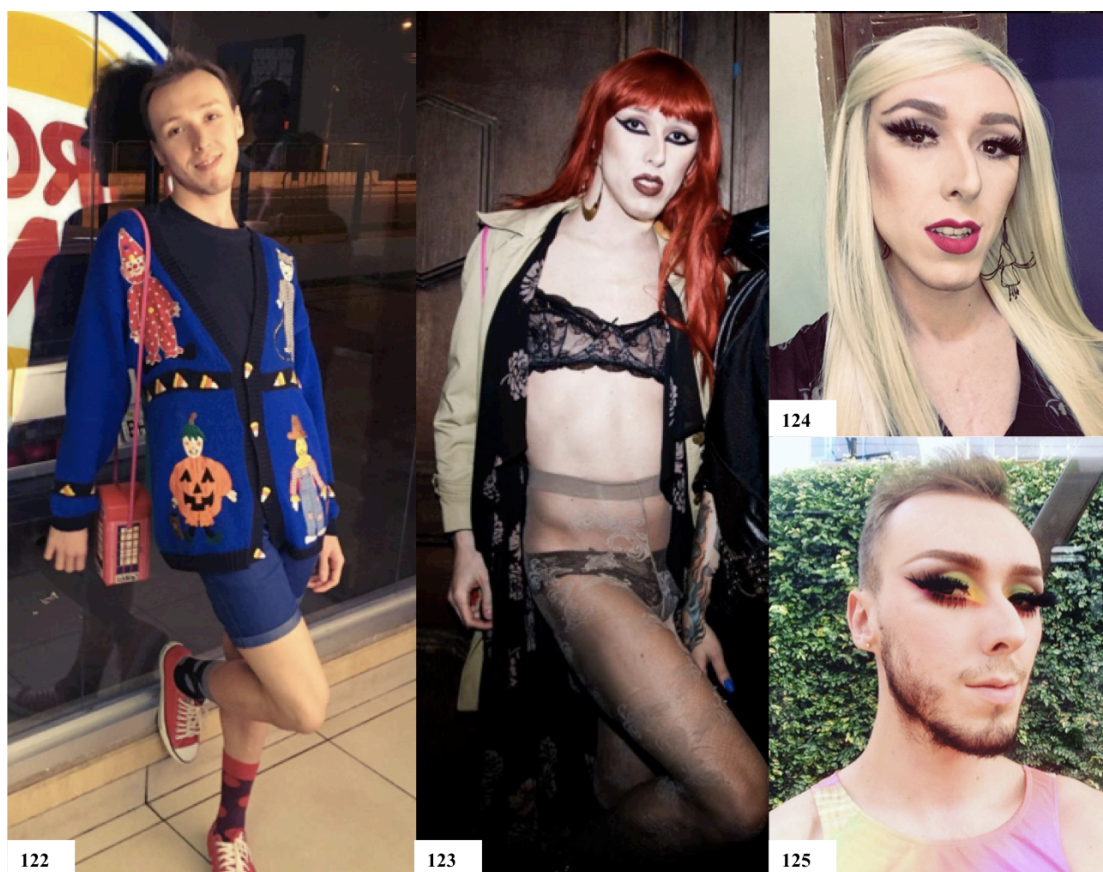
**Figuras 119,120.** Entrevista 22 – Ruan.

**Figura 121** – Inspiração K-pop extraída de fotos do perfil de Ruan no Instagram.  
Fonte: @\_dhruan - Disponível em: <[www.instagram.com/\\_dhruan](http://www.instagram.com/_dhruan)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

## Entrevista 22

Ruan, 17 anos. Gosta da cultura pop japonesa e coreana (K-pop). A Figura 119 mostra Ruan na ocasião da entrevista vestindo *look* total preto: moletom com estampa localizada com a sigla BTS, referente a um grupo musical sul-coreano de grande sucesso, conhecido por sua grande presença na mídia social. Vestia uma calça *ripped knee jeans* (rasgada no joelho) também na cor preta. Esse detalhe de rasgos exagerados deixando os joelhos à mostra se tornou moda entre 2015 e 2016, e continua vigente, abrangendo tanto o mercado *jeanswear* quanto o de malharia ( neste segundo, o detalhe da abertura evoluiu para a forma de recortes e não de rasgos), sendo oferecidos tanto ao público masculino quanto ao feminino. Pode-se entender que esse detalhe é uma moda livre de segmentações de gênero, figurando como uma moda de maior aceitação entre o público jovem, conforme o registro de Ruan. O moletom com a sigla BTS mostra que essa é uma peça usada pelo público fã da banda, que, por se tratar de uma banda pop e jovem, tem seu público composto tanto por meninos quanto meninas. Entende-se então que o moletom usado por Ruan é também uma peça livre de segmentação e regras de gênero, pois é oferecido ao público fã em geral. Contudo, apesar de a blusa de moletom ser uma peça comumente pertencente aos dois segmentos, tanto feminino quanto masculino, o fato da estampa

das letras ter textura floral pode ser considerado uma quebra de padrão estético masculino, já que o tema de flores é tido como uma estética feminina pré-estabelecida. Ruan também possuía uma mochila, tênis casual, gargantilha preta, alargador na orelha esquerda e lentes de contato na cor roxa. Usava base corretiva cor da pele como maquiagem (ver Figura 120). A gargantilha, a maquiagem e o seu cabelo tingido na cor rosa também podem ser entendidos como quebras de padrões estereótipos do gênero masculino. Seu cabelo tingido é claramente uma referência à cultura K-pop, conforme mostra a Figura 121 – um painel de inspiração que Ruan publicou no seu perfil do Instagram. Além da cor, o corte de seu cabelo também é semelhante à inspiração na Figura 121: bem curtos na lateral e nuca e com uma franja alongada. Essa relação deixa claro que a cultura K-pop tem grande contribuição para a construção identitária de Ruan.



**Figura 122.** Entrevista 23 – Thiagx.

**Figura 123, 124 e 125** – Imagens extraídas de fotos do perfil de Thiagx no Instagram..

Fonte: @thiagx - Disponível em: <[www.instagram.com/thiagx](http://www.instagram.com/thiagx)>. Acesso em: 3 jun. 2017.

### Entrevista 23<sup>45</sup>

Thiagx, 28 anos. Diz que se veste como uma criança: se preocupando apenas se a roupa lhe serve ou não. Completa que ter um corpo magro ajuda muito, pois permite que elx compre roupas na sessões infanto-juvenil (tamanho 16), masculina e feminina. Já nas suas “montações” recentes, tem se apresentado como *crossdresser*,<sup>46</sup> usando basicamente *lingerie* e explorando um lado mais fetichista do que quando se “montava” como *drag queen*, quando trazia um lado mais lúdico à performance. A Figura 122, na ocasião da entrevista, mostra Thiagx em um momento cotidiano, vestindo roupas com um tema lúdico: o suéter traz desenhos figurativos infantis que remetem à festa americana de Halloween, sua bolsa tem formato de cabine telefônica

<sup>45</sup> As flexões gramaticais de gênero não foram aplicadas a pedido dx entrevistadx.

<sup>46</sup> Sobre as performances citadas por Thiagx, entende-se que *drag queens* são personagens criados por artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com roupas femininas estilizadas com o intuito artístico, enquanto *crossdressers* são homens que se vestem com roupas de mulher, mas não são necessariamente homossexuais.

londrina, suas meias possuem o mesmo padrão de “bolas”, porém com cores diferentes em cada pé (azul e vermelho) e seus tênis são vermelhos, combinando com a bolsa, meia e suéter. O short jeans está bem ajustado ao corpo, aparentando ser uma peça do segmento feminino. Nessa ocasião da Figura 122, Thiagx não estava usando maquiagens. Já na Figura 123, Thiagx está “montadx” de *crossdresser* com uma produção muito elaborada em termos de maquiagem, cabelo e acessórios. Sua roupa se resume a uma *lingerie* de renda preta com meia-calça bege e por cima um *trench coat* aberto na cor cáqui. Elx acrescenta que somente faz *crossdressing* para eventos específicos. Nas Figuras 124 e 125, Thiagx aparece em outros momentos, com maquiagem igualmente muito bem elaborada, mas com diferenças muito importantes: na Figura 124, usa prótese capilar de fios loiros bem longos, brincos grandes e sua pele está “sem barba”, se aproximando muito de um semblante feminino; já na Figura 125, mostra seu cabelo natural e bem curto, com barba e bigode crescidos e usando um brinco bem pequeno. Analisando os quatro momentos de Thiagx expostos nessa seleção de imagens, nota-se que, apesar do pequeno recorte sobre a vida de Thiagx, é notório que possui uma variedade de identidades e cada qual é representada/performada em seu momento ideal. O fato de variar consideravelmente sua linguagem visual de acordo com as ocasiões que lhes são convenientes, de modificar sua performance de *drag queen* lúdica para a de *crossdresser* fetichista, ou ainda, de manter a coexistência de códigos diametralmente opostos como o infantil e o fetichista, construindo identidades dentro de um mesmo corpo, faz com que Thiagx seja um exemplo claro de multivíduo composto de diversas identidades que são plenamente fluidas, em processo de construção e modificação contínua. Essas identidades não necessariamente são logicamente compatíveis ao olhar do “outro”, pois suas interrelações só importam às “matrizes” mais íntimas de Thiagx, responsáveis por guiar essas construções.

## 5. REFLEXÕES PROCESSUAIS

### 5.1. A FRAGMENTAÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DAS ROUPAS

Nas práticas sociais e culturais da pós-modernidade, o corpo é hiperlinkado por suas *tags* de identidade, tornando-se um capital privado que permite remodelagens e hibridizações. Nesse contexto, a moda é uma forte ferramenta de modificação estética. Por meio de interferências que proporcionam a alteração de sua estrutura biológica e social, pode-se atribuir ao corpo novos significados imagéticos. Essas novas formas de presença tornam-se midiáticas e provocam reflexos no consumo de imagens, ou seja, no comportamento dos diversos grupos sociais em relação a modificações estéticas que ressignificam seus corpos e seus estilos de vida.

De acordo com Malysse, a aparência é a parte visível que a pessoa oferece à percepção sensorial do outro e todo ato social que utiliza a aparência ocorre em um ambiente visual.<sup>47</sup> Através de roupas e adornos, os indivíduos de uma sociedade exteriorizam seus valores, princípios, religião, gênero, status social e muitos outros aspectos que compõem a identidade na escala individual e que estão vulneráveis ao julgamento do outro. Desta forma, o vestuário representa a ferramenta de uma técnica a qual os indivíduos se utilizam como linguagem não-verbal para comunicar e representar uma personalidade agradável e respeitável perante o olhar do público, com que lhe interessa manter relações amigáveis. Esse público, naturalmente, corresponde ao grupo social a que pertencem.

Percebe-se que essa linguagem não-verbal através das roupas, até o final do século XX (e anteriormente ao rompimento do pensamento binário), permitia uma elaboração e uma interpretação imediata da aparência do sujeito, de maneira a deixar pouca margem para incertezas, principalmente no que se referia ao gênero. De acordo com Arcoverde:

---

<sup>47</sup> MALYSSE, S. Ego-arte e construção da aparência: notas para uma antropologia das aparências corporais. In: FIGUEIREDO, A. C (org.) *Corpo, sintoma e psicose: Leituras do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, p. 43 – 56.

“Crane (2006) ressalta que as principais mensagens instituídas pelas roupas referem-se aos papéis de gênero (sic.)<sup>48</sup> e às maneiras como são considerados ou percebidos pela sociedade. Tanto da distinção de classe quanto das marcas de gênero, o objetivo desses códigos é o mesmo: como uma linguagem não-verbal, eles permitem que se elabore uma interpretação imediata da aparência dx outrx, de maneira a deixar pouca – preferencialmente nenhuma – margem para incertezas. As roupas, inseridas amplamente no contexto binário predominante no ocidente contemporâneo, inscrevem sobre o corpo distintivos a partir dos quais pode-se identificar prontamente o gênero de quem as veste.”<sup>49</sup>

Hoje, com a complexidade das *tags* de identidade do indivíduo pós-moderno, a análise pelo âmbito do olhar passa a ser um trabalho mais denso e que requer maior repertório cultural e de senso estético que permitam dar atenção aos detalhes das partes que compõem o todo. Assim, a conclusão dessa análise visual não se dará de forma objetiva, podendo inclusive ser constituída pelo conceito de taxonomia sincrética<sup>50</sup> de Massimo Canevacci, que assume a coexistência de códigos totalmente diferenciados, através de uma lógica que não tem como fundamento o princípio de identidade (que é fundamental na lógica clássica), mas de uma coexistência do incompatível.

Em sua pesquisa sobre gênero, a socióloga Berenice Bento descreve:

“O gênero só existe na prática, na experiência e sua realização se dá mediante reiterações, cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino, é um jogo, muitas vezes contraditório, escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessório, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, atos que fazem o gênero, que viabilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros.”<sup>51</sup>

Dessa forma, pode-se considerar então que a moda de gênero fluido detectada nas ruas é constituída por um sincretismo de códigos de gêneros, sendo esses as peças

---

<sup>48</sup> Sobre o equívoco do termo “papéis de gênero”, Louro explica que o conceito acaba se mostrando redutor ou simplista, desconsiderando as múltiplas expressões de masculinidades e feminilidades, bem como as hierarquias de gêneros constituídas nas relações de poder (LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997). O gênero no ensaio de Arcoverde foi pensado como uma prática discursiva que compõe a identidade dos sujeitos.

<sup>49</sup> ARCOVERDE, M. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. *Revista Periódicus*, Salvador, v.1, 2ª ed., nov. 2014/abr. 2015, p.2.

<sup>50</sup> CANEVACCI, Massimo. *Sincrétika* 2013, op. cit.

<sup>51</sup> BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p.28

de roupas e acessórios do vestuário, os artefatos estéticos como maquiagens, próteses capilares e lentes de contato coloridas, as modificações corporais como *piercings* e tatuagens. Eles são signos sujeitos a interpretações corporais previamente reconhecidos (feminino, masculino, gay, lésbica, travesti, etc.) e que, ao coexistirem em uma mesma identidade, como uma forma de composição pastiche de fragmentos de signos de gêneros em um só corpo, acabam por extrapolar as normas de gênero pré-estabelecidas. Esse sincretismo é o que define a interpretação de um gênero fluido.

## 5.2. O ESTRANHO NA MODA: SUBVERSÃO DA OPRESSÃO ATRAVÉS DAS ROUPAS

A moda, por sua efemeridade intrínseca, parte de uma dinâmica que rejeita o velho/obsoleto e enaltece a substituição por aquilo que é novo, melhor e mais adequado, com a finalidade de criar aderência do indivíduo ao tempo presente. Muitas vezes ao longo da história, a moda se utilizou das mudanças propostas por essa dinâmica para ser pensada como elemento de transgressão dos padrões impostos de cada época e lugar. Constata-se, através da pesquisa de observação realizada na cidade de São Paulo, a evidência de que as roupas e suas relações com o gênero na atualidade estão sendo usadas como ferramenta de transgressão e de subversão da heteronormatividade, a fim de dissolver qualquer padrão pré-estabelecido sobre a dicotomia sexo x gênero.

Pode-se entender que essa transgressão foi detectada, e se manifesta através de construções visuais/imagéticas individuais constituídas de sincretismo de códigos fragmentados de gêneros previamente estabelecidos (feminino e masculino) e que, dentro do contexto atual, ainda despertam certo estranhamento estético no olhar do outro. A forma ousada com que os jovens entrevistados representam e expressam o gênero fluido pode ser entendida como uma performatividade, no sentido de transgredir a coerência das normas de gênero no meio social em que vivem, ou seja, ultrapassando barreiras de uma ordem estabelecida no passado. Dessa forma, comunicam que essas normas não são mais aplicáveis a esse grupo, e invalidam quaisquer interpretações regidas por elas. Nas palavras de Brandini:

“A roupa torna-se, portanto, uma expressão, apresentação, comunicação em diversas instâncias ou maneira de produzir a diferenciação de indivíduos ou grupos, assim como a interação entre estes. É precisamente enquanto uma forma de produção simbólica que a moda se aproxima não apenas de um corpus para a criação artística, mas de uma forma de comunicação.”<sup>52</sup>

Essa moda que causa estranhamento próprio da transgressão é o que Caroline Evans chama de “*edgy fashion*”, descrita como aquela que existe à margem de si mesma.<sup>53</sup> No livro *Fashion at the Edge*, a autora mostra convincentemente que a moda está no centro do contemporâneo e dá voz aos interesses mais profundos da cultura ocidental. A autora explica que, tanto conceitualmente como estilisticamente experimental, essa vertente do design de moda é dirigida às ansiedades contemporâneas e especulações sobre o corpo e identidade. Em resumo, três fatores não diretamente ligados à moda, são importantes vetores para a consolidação da *edgy fashion*: rápidas mudanças, modernidade tecnológica e globalização. A autora ainda cita que, de acordo com Gilles Lipovetsky, a moda é socialmente reprodutiva, nos ensina a ser flexível e receptivo a mudanças em um mundo em rápida mudança.<sup>54</sup> Ela socializa os seres humanos nas mudança e os prepara para uma reciclagem perpétua.

Evans explica que, se a moda é parte do "processo civilizador" (termo usado por Norbert Elias no livro *The Court Society*), tanto na forma de design convencional *mainstream* quanto em suas manifestações experimentais e de vanguarda, ela é capaz de fornecer uma voz resistente e de oposição a esse processo. A respeito dessa "civilização", o discurso da moda de forma experimental/transgressora pode expor o que está escondido culturalmente. Como um sintoma neurótico, ela pode proferir uma espécie de resistência muda para o processo socialmente produtivo da construção de uma identidade. Assim como nós seguimos uma doutrina de auto disciplina e controle (com relação às exposições da imagem em redes sociais, por exemplo) o que é reprimido volta como um rastro, sob o peso de algum trauma cultural, o qual, através de uma forma experimental/transgressora, pode funcionar como o conto de uma memória. Considerando isso, a autora afirma que a moda é histórica. Ela pode ser um

---

<sup>52</sup> BRANDINI, op. cit., p.26.

<sup>53</sup> EVANS, C. *Fashion at the Edge: Spectacle, Modernity and Deathliness*. New Haven, CT and London: Yale University Press, 2003.

<sup>54</sup> LIPOVETSKY apud EVANS, op. cit.



sintoma de alienação, perda, o medo do contágio e da morte, da instabilidade e da mudança. Como a psicanálise, a *edgy fashion* investiga o domínio e a configuração de incoerência, descontinuidade, perturbações e desintegração. Seus sintomas são amplos e difusos: a morte, a instabilidade de gênero e a ansiedade flutuante.

Os traços de memória evocados por Evans são fragmentos históricos de instabilidade e transitoriedade de séculos anteriores. De acordo com a presente pesquisa, o sintoma da instabilidade da distinção de gênero atualmente pode ser a questão mais impactante no comportamento de moda, visto que é forte o crescimento da estética de gênero fluido. Da mesma forma, a questão dos gêneros em geral vem sendo muito discutida no mundo todo, podendo ser facilmente encontrado em fóruns, comunidades e páginas de redes sociais que divulgam a agenda de eventos acadêmicos, educativos, institucionais e culturais. Diante disso, constata-se a aplicabilidade dos três vetores citados por Evans para a possível consolidação da moda de gênero fluido, o que a torna um exemplo de *edgy fashion*: rápidas mudanças, modernidade tecnológica e globalização, sendo este último vetor representado principalmente pelo livre acesso às variadas opiniões/expressões de indivíduos ao redor do mundo através da *web*, o que fortalece o seu impacto sobre as manifestações na moda.

### 5.3. CRISE DA MASCULINIDADE

Analisando historicamente a movimentação de cruzamento das normas de gênero na moda, a mais óbvia é o gênero feminino se apropriando de formas masculinas. Conforme Arcoverde, “diversxs teóricxs da indumentária (BOUCHER, 2010; CALANCA, 2011; WILSON, 2003) concordam que, durante os dois últimos séculos, a moda feminina ocupou-se em copiar e se inspirar na masculina”.<sup>55</sup> Como um exemplo recente que sustenta essa citação, podemos citar o rápido crescimento e consolidação de formas mais amplas, chamadas de *boyfriend*, para calças, bermudas, jaquetas e camisetas nas coleções femininas e que ainda se encontram na moda atual. Além disso, através da pesquisa de evidências na mídia e nas ruas, constatou-se o uso

---

<sup>55</sup> ARCOVERDE, op. cit., p.6.

de cortes de cabelo curto ou raspado, o uso de bonés, de mochilas como acessório mais funcional do que as bolsas femininas, o não apelo à obviedade da sensualidade, o uso de maquiagens para um efeito “natural” e não “sensual” ou até o não-uso desses artificios, a negação do uso de salto alto e do sutiã e a recusa de práticas de depilação corporal. Todas essas práticas observadas podem ser entendidas como referências estéticas e de comportamento que foram previamente determinadas como masculinas que agora estão sendo resgatadas pelo feminino. Um ponto importante para a sustentação desse trabalho é que essas referências tidas como masculinas se misturam a outras referências específicas do feminino na composição dos *looks*, como por exemplo através das cores de acessórios e na modelagem padrão feminina de roupas e calçados. Essa mistura em maior ou menor grau que caracteriza o visual *gender fluid*.

Na direção oposta do cruzamento citado acima observa-se um fator “estranho”: a proposta de uma mudança efetiva no olhar, designada à novidade da feminilização do vestuário masculino, uma movimentação pouco evidente na história da moda, o que justifica a sensação de estranhamento. No trabalho de designers e estilistas, como por exemplo Jean Paul Gaultier, João Pimenta e Alexandre Herchcovitch, podemos notar uma clara aproximação do masculino das formas de representação femininas já há alguns anos. Mas eventualmente isso se dava no ambiente das passarelas e editoriais de revistas de moda. Comercialmente, a aproximação mais efetiva e que atingiu as ruas foi o ajuste das formas masculinas coladas ao corpo, chamadas *slim fit*, que já são uma realidade do mercado. Porém, nota-se na pesquisa de campo o masculino aderindo cada vez mais às formas super justas como as calças *skinny*, *legging* e meia-calças. Somado a isso, também foi detectado o uso de camisetas com comprimentos *cropped* expondo o abdômen e o uso de peças de veludo, sendo esses itens vigentes à moda atual feminina, além do uso de camisetas regatas com decotes profundos, que remete à sensualidade feminina quanto à exposição do colo. Foi também identificado o uso de acessórios de moda feminina vigente, como os maxi-colares, maxi-brincos e *chokers*, o uso maquiagem, demonstrando cuidado e vaidade com a pele e também insinuando sensualidade com uso de batom, bem como o uso de esmaltes (ainda que em cores neutras como preto, prata, branco e *nude*) -- códigos de beleza que culturalmente estavam reservados apenas ao público feminino. Ademais, foi detectada a regência de uma moda de cabelos para todos os gêneros: muito curtos, raspados e descoloridos. Da mesma

forma, um ponto a ser sublinhado sobre as movimentações das normas masculinas é que também há uma fusão de estéticas masculinas às femininas na construção visual. De acordo com as observações e os relatos dos entrevistados, o uso de barbas e bigodes juntamente com maquiagens é um signo importante dessa moda transgressora, revelando que, apesar da feminilidade acrescida com o uso da maquiagem, a barba e o bigode reafirmam masculinidade, transmitindo assim a mensagem de que masculino e o feminino coexistem no mesmo corpo. É através da identificação de variação de nuances como essa que podemos caracterizar um visual como *gender fluid*.

É importante refletir que a feminilização do masculino na moda não só rompe com as normas de padrão de gênero, mas também se mostra como uma moda partidária de militâncias feminista e LGBT de forma interseccional. Segundo Arcoverde,

“Culturalmente, sabe-se que os valores hierárquicos do feminino e do masculino na sociedade contemporânea não são equivalentes, uma vez que o segundo é mais valorizado que o primeiro no ocidente. Assim sendo, o fenômeno que compreende homens se vestindo ou se apropriando de certas peças julgadas femininas, por si só, é um fato interessante, dado que o feminino apresenta menor prestígio social que o masculino (VENCATO, 2003). Tal prática, além de dissolver a lógica binária e essencializada, também “desnaturaliza, desestabiliza e desfamiliariza os signos de sexo e gênero”. (GARBER, 1997, p. 147, tradução da autora)<sup>56</sup>

Muito embora a cultura jovem das décadas de 1960 e 1970 tenha exercido grande influência subversiva na moda masculina, ainda hoje são muito fortes as barreiras culturais a serem quebradas em relação a moda, principalmente em relação a essa feminilização, visto os espantosos casos de violência incitados pela homofobia. Os sinais de feminilização do masculino observados na pesquisa são exemplos de *edgy fashion* e se assumem como um fator transgressor da cultura jovem atual, cujo status ainda se encontra no plano de estranhamento, estando ainda longe de ser algo comumente aceitável na nossa sociedade. Cabe destacar que a pesquisa revela que a transgressão das normas no vestuário masculino encontra cada vez mais adeptos, o que pode ser interpretado como uma crise da masculinidade na moda. Por outro lado, a estética do gênero feminino mais masculinizado não é visto com grande estranhamento, pois essa informação é mais facilmente digerida pela sociedade

---

<sup>56</sup> ARCOVERDE, op. cit., p.8.

devido ao histórico de movimentações que seguiram nesse mesmo sentido. Todavia, esse movimento não deve ser desprezado, pois as mudanças situadas no contexto atual, sobretudo da luta feminista, é único e inigualável às outras ao longo da história. Em cada período essa relação de cruzamento e apropriação dos signos entre os gêneros é carregada de sentidos específicos ao período em que se ocorre.

#### 5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

##### 5.4.1. A MODA MULTIVIDUAL

Desenvolve-se a seguir a reflexão resultante das análises das pesquisas fotoetnográfica e netnográfica, especificamente com foco nos casos em que as pesquisas nos dois campos se cruzaram (rua e *web*). Essa somatória de análises só foi possível devido à ubiquidade do público entrevistado, pois a mesma abordagem que se deu no campo físico das ruas se estendeu ao campo virtual da *web*. Dentro das possibilidades encontradas, somente através dessa soma de presenças que se pôde constatar a qualidade de multívíduo dos sujeitos nesses casos. Especificamente, foi possível a comparação de imagens de identidades distintas: uma representada nas ruas e outra virtualmente, além das claras distinções entre elas. Em relação à linguagem-não verbal com que comunicavam suas representações, serviram como exemplos de qualidade “multívíduo” proposto por Canevacci, tornando assim visível o “eus”, divisível, plural, fluido, ubíquo, enfim, a multiplicidade de identidades de um mesmo sujeito. Através dessa constatação, a moda *gender fluid* observada nesta pesquisa pode ser entendida como uma moda multividual.

##### 5.4.2. EMPODERAMENTO DA CIDADANIA COMO PROPULSOR

Como abordagem conclusiva deste trabalho, foi possível a constatação de que esse movimento de cruzamento de estéticas dos gêneros, que resulta num visual *gender fluid*, é um comportamento em expansão entre os *mlennials* e *centennials*, pois, ainda que este público seja muito jovem para solidificar definições sobre a

construção da sua identidade, se sente muito livre para buscar descobertas e experiências sobre suas escolhas, sobretudo encorajados pela massiva comunicação e influência da mídia através da *web*.

Atualmente, vivemos a noção de uma cidadania globalizada e a fácil comunicação com o mundo através de internet deu espaço para o surgimento de um sentimento de empoderamento da cidadania. Exemplo disso são as grandes mobilizações sociais que se criam via internet, através de redes sociais, blogs e fóruns, organizando atos de manifestação pública nas ruas, apoiando causas diversas a respeito de fatos em qualquer parte do mundo. Neste caso, podemos pensar que a difusão global de ideologias, referências estéticas e de comportamento a respeito do tema da fluidez do gênero se deu principalmente pelo meio da *web* e refletiram em impactos reais na moda das ruas. Devido a essa grande influência da comunicação global através da *web*, os jovens das gerações Y e Z são bastante esclarecidos sobre as normas que estão sendo quebradas no momento atual, o que torna a moda *gender fluid* ubiquamente libertária e revolucionária.

#### 5.4.3. INSTABILIDADES, ANGÚSTIAS E INCERTEZAS

Constatado esses fatos, é notório que a sociedade está em profunda transição a respeito do tema da fluidez dos gêneros e que o fator *egdy* é vital para a moda, pois propõe novos olhares e quebra de paradigmas, tendo a responsabilidade de traduzir as mudanças que estão por vir. Desta forma, vivendo a modernidade líquida, não devemos distanciar o olhar conceitual “estranho” do comercial, pois é essa tensão em busca de novas formas que promove a evolução da sociedade pela “reciclagem perpétua” citada por Lipovetski.<sup>57</sup> Como exemplo desse movimento no mercado de moda, é muito nítido como essa estética permeou as passarelas de forma conceitual na coleção da MM6 Maison Margiela SS/16, intitulada *Genderfluid Club Kids*. Pouco tempo depois, o varejo começou a se adaptar a essa nova visão de mercado, propondo uma estética comercialmente “sem gênero”, como o ocorrido nas *fast fashion*

---

<sup>57</sup> LIPOVETSKI apud EVANS, op. cit.

Selfridges e C&A, que promoveram campanhas com seleção de peças oferecidas aos ambos públicos feminino e masculino.

Essa constatação é sustentada pela análise de Brandini sobre a moda *eXtrema* no final do século XX e virada do século XXI:

“É esta a grande diferença da moda dos últimos 20 anos: ela não é apenas temática: uma coleção não apenas possui o tema safári, ou aviação, ou oriente, ela é hoje analítica, reflexiva, contestadora e autocontestadora, espaço para discussão da vivência da rua; ela não copia a realidade, mas se comunica, discute, vive e a rearticula. Tal qual a antropologia pós-moderna ou reflexiva – que produz uma discussão sobre si mesma, a moda da era pós-industrial é autocrítica, auto-reflexiva, aberta ao pensar e ao sentir, e seu corpus é comunicação desta vivência sensorial e intelectual.”<sup>58</sup>

Com base no movimento detectado nas ruas de ascensão da moda *gender fluid* e em razão do sentimento de insegurança provocado pelas rápidas mudanças no mundo, essa estética pode rapidamente ganhar adeptos e sair da zona de “estranhamento”. A insegurança, a instabilidade e o medo de estar fora do padrão e fora do tempo presente estimulam a sociedade a digerir o “estranho”. A moda comunica e está repleta de significados da contemporaneidade; é em razão disso que compramos produtos novos de estética atual, para nos dar a possibilidade de fazer parte do nosso tempo, pois temos medo de nos sentirmos obsoletos, ou seja, deslocados. Nesse sentido, incorporar essas mudanças de comportamento e, conseqüentemente, de estilo e moda, nos permite criar aderência ao tempo presente.

Em referência à moda decadente na virada do século, Evans cita o final dos anos 1990 como exemplo mais vívido para explicar a *edgy fashion*.<sup>59</sup> Para tal momento, ela traduzia sentimentos de ansiedade em relação aos seguintes fatores: a história obscura do século XX (holocausto e genocídio, a ascensão do totalitarismo e da Segunda Guerra Mundial); o colapso das mais antigas certezas epistemológicas do Ocidente; o rápido desenvolvimento da tecnologia da informação; o crescimento da globalização e a intensificação da separação ideológica entre o Islã e o Ocidente. Como fundamento deste trabalho, ao analisar o panorama atual da indústria, do mercado e da sociedade como um todo, observa-se novos fatores que situam a moda

---

<sup>58</sup> BRANDINI, op. cit.. p.31.

<sup>59</sup> EVANS, op. cit.

*gender fluid* como *edgy* na contemporaneidade. O fator mais claro é a rapidez das mudanças em curto espaço de tempo, característica da vida pós-moderna. Diante de todo o acúmulo de sentimentos de angústias e incertezas citados por Evans a respeito da história de um século inteiro, pode-se dizer que atualmente esse período para atingir o clímax de angústias e anseios passa a ser muito mais curto, pois em função das grandes mudanças e avanços (especialmente tecnológicas) que presenciamos desde o início até meados da segunda década do século XXI, perdemos as referências de uma sociedade “estável” em todos os sentidos, trazendo um clima de desconforto quase que contínuo para a sociedade. Esse sentimento de contradições e incertezas é inerente à modernidade líquida que vivemos e isso claramente se reflete numa “moda líquida/fluida”. A moda na contemporaneidade é latente, ironiza o futuro, é ambígua e contraditória a todo tempo, um conceito líquido, mutante, híbrido, indefinido e desterritorializado.

Sobre os efeitos que essa rapidez de mudanças causam sobre a moda Brandini, afirma que

“O universo da moda tornou-se uma dimensão agregadora de significados da sociedade pós-moderna; não mais apenas símbolo de distinção social, busca da beleza, arma de sedução, a moda agrega valores e conteúdos de universos antes estranhos, ou mesmo antagônicos a ela. Na fluidez conceitual que a define (ou indefine), a moda transita e incorpora domínios da arte, arquitetura, teatro, tecnologia, mídia, política e, sobretudo, comunicação. Ela é um fenômeno contemporâneo que, pela própria velocidade dos atuais processos de comunicação, escapa-nos à prisão conceitual. Mutante-mutóide, conforme o pensamento de Canevacci (1999), sua ação é a de um elemento de signo desterritorializado a incorporar significados em deslocamento progressivo”.<sup>60</sup>

Cabe comentar o estado de liquidez da identidade, do gênero e da moda, e a ideia de liquidez vem do fato que os líquidos não têm uma forma, sofrem constante mudança e não conservam sua forma por muito tempo e que se moldam conforme o recipiente (esse último pode ser entendido como o corpo). É possível constatar que a moda *gender fluid* dá margem para incertezas e que, apesar das inúmeras pesquisas que foram elaboradas nos últimos anos a respeito do papel da moda na construção da identidade, esse é um assunto que ainda há muito para se explorar e, de certa forma, é interminável, uma vez que as transformações e interações sociais não cessam. Da mesma maneira, a moda, enquanto sistema, é totalmente transitória e alterável,

---

<sup>60</sup> BRANDINI, op. cit., p. 29

havendo portanto muito o que se discutir futuramente sobre todas estas temáticas. Segundo Brandini,

“[...] não é de hoje que a moda incorpora eventos diametricamente opostos ou conflitantes da sociedade contemporânea, mas nunca como nos dias de hoje ela foi tão sujeito, produtora e reprodutora destas manifestações. Talvez esteja aí o centro da grande polêmica a seu respeito: ela transita entre os opostos da contemporaneidade, os mistura, recria e é, para alguns, muito frívola para ser teorizada, e, para outros, muito séria para ser lançada na vala comum dos gadgets”.<sup>61</sup>

Em pleno século XXI, trabalhar com questões que envolvem moda e gênero ainda permanece um desafio, daí a escolha de uma perspectiva mais genealógica e reflexiva, no sentido de identificar as intersecções do tema do gênero através de suas representações na moda. Nas palavras de Margareth Rago:

“Essa busca estimula a emergência de novas formas de feminilidade, de novas concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais, que poderiam aproximar-se, como mencionamos acima, daquilo que Foucault definiu como “artes da existência”, isto é, técnicas de constituição estilizada da própria subjetividade desenvolvidas a partir das práticas de liberdade”.<sup>62</sup>

Em conclusão, a teoria *queer* e seus reflexos, tidos como pontos chave dessa pesquisa, mostra-se ser não somente uma teoria sobre sexualidade, mas uma teoria antropológica, comportamental, econômica, política e cultural, que se desdobrou em tendências de moda, como a *gender fluid*. Essa moda, sustentada pela teoria citada, nos mostra que, no fundo, todos somos performativos e que não existe uma natureza feminina/masculina para além dos atos, gestos e signos que reproduz. Isso coloca em questão, como sugestão para futuros estudos, sobre quais outras formas podemos {des}construir o corpo e a identidade, senão através da moda.

---

<sup>61</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>62</sup> RAGO, M. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, Claudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. (Org.). *Poéticas e Políticas Feministas*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004, p. 5.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ARCOVERDE, M. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. *Revista Periódicus*, Salvador, v.1, 2ª ed., nov. 2014/abr. 2015, p.2. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12894/9211>>. Acesso em 28 de abril de 2017.
- BATISTA, J. C. A fotografia como discurso: alteridade, etnografia e comunicação. *Revista Anagrama*, São Paulo, ano 3 – edição 4, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7130/6432>>. Acesso em 28 de abril de 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURRIAUD, N. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009a; e, por fim, do autor, *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Todas as Artes).
- BRANDINI, Valéria. Vestindo a rua: moda, comunicação e metrópole. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, São Leopoldo, vol. IX, n.1. jan/abr. 2007, p. 31. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5838>>. Acesso em 20 fev. 2017.
- BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, Baltimore, vol. 40, n 4, pp. 519-531, dec. 1988.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

- CANEVACCI, Massimo. Entrevista concedida a Flávia Dourado. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/massimo-canevacci>>. Acesso em 10 mar. 2017.
- CANEVACCI, Massimo. *Sincrétika: Explorações Etnográficas sobre Artes Contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 2013.
- EVANS, C. *Fashion at the Edge: Spectacle, Modernity and Deathliness*. New Haven, CT and London: Yale University Press, 2003.
- FUSION. Half of young people believe gender isn't limited to male and female. Disponível em: <<http://fusion.net/half-of-young-people-believe-gender-isnt-limited-to-mal-1793844971>>. Acesso em: 03 fev. 2017. Para resultados completos e metodologia, cf. Report to Fusion.net – January 2015: Survey of Millennials. Disponível em: <<https://fusiondotnet.files.wordpress.com/2015/02/fusion-poll-gender-spectrum.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017
- GOFFMAN, Erving, *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books Edition, 1959 (Trad. Bras. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2005, 13ª Edição
- HALL, Stuart. *A identidade cultura na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. apud ARCOVERDE, M. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. *Revista Periódicus*, Salvador, v.1, 2ª ed., nov. 2014/abr. 2015, p.2.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2002.
- MALYSSE, S. Ego-arte e construção da aparência: notas para uma antropologia das aparências corporais. In: FIGUEIREDO, A. C (org.) *Corpo, sintoma e psicose: Leituras do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- MARSH, Sarah. The gender-fluid generation: young people on being male, female or non-binary. *The Guardian*, mar. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/23/gender-fluid-generation-young-people-male-female-trans#img-4>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

RAGO, M. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, Claudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. (Org.). *Poéticas e Políticas Feministas*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004.

SEDGWICK apud SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.